

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

HA idias, na rua do Arsenal, onde o transito a certas horas do dia se faz com dificuldade, o movimento de veículos seguia com uma lentidão enervante, até que parou de todo.

Dava origem a isso uma carroça de mão empurrada por um homem novo; a carroça ia carregadíssima, e, apesar da ajuda dos carris, o esforço fisico que fazia o pobre moço de qualquer armazem de ferro era confrangedor. Sahu dos «rails», entortou á valeta, e houve que dar ajuda ao homem, que suava como um fogueiro.

Em filas de automoveis de turismo, seguiam estrangeiros que vinham do Cais da Rocha. A sua impressão era manifestamente desagradavel. Pois quê? E' possível isto numa capital?

Sabemos que ha disposições camarárias que estão cobrindo estes abusos. Mas não haverá encarregados de armazens, ou patrões de bom sentido, que, por consciencia, sem necessidade de leis municipais ou policiaes, evitem estas vergonhas—de trabalhos forçados?

* * *

O DR. Ruxton, que foi enforcado em Manchester, no dia 12 proximo passado, era um monstro, com maneiras misteriosas de mago.

Que crime cometeu?

Matou friamente a mulher e a sua criada de quarto. Calado, desconfiado e duma magresa fantástica, parecia incapaz de fazer mal a uma formiga.

—Que o moveu a um delito tão hediondo?

—Não sei bem... já me não lembro.

Pretendia justificar-se com os seus lapsos de memoria e com obnubilações psiquiatricas, da consciencia.

Os juizes de Manchester, para qualquer maneira o ajudarem a recordar-se, condenaram-no á morte. Arrancou ao seu mesmo habitual e bradou:

—Mas isso é uma injustiça!

* * *

O SR. Eduardo Coelho, distinto medico e professor, publicou a «Cultura humanista e a Medicina»—conferencia proferida, em dezembro, na Faculdade de Lisboa. A doutrina que preconiza e defende é esta: o medico necessita da cultura do espirito como condição necessaria para empregar a ciencia do corpo. O dr. Eduardo Coelho, que extralimita os seus estudos, estendendo-os do terreno biológico ao social e ao filosofico, pertence ao numero, ainda muito restrito, entre nós, dos medicos que integram o seu pensamento e a sua acção num largo e salutar humanismo.

* * *

FOI publicado o anunciado decreto-lei que torna dependente de um exame de aptidão a matricula nas Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto e que regula a prestação desse exame.

FELIX CULPA...

Então, meu Amigo, então! Sofreie a sua rebentina, abaixe os punhos, aquiete os nervos frementes, respire fundo e calmo. Olhe agora para os meus olhos e deixe-me falar-lhe, com serenidade e amor intelectual. Ora vejamos: sente-se conturbado, e de alma opaca, só porque a Italia venceu a Abissinia? Mas, querido Amigo, não confunda o êxito, o triunfo brutal e material do instante, que os galiciparlas chamam o «sucesso», com a justiça, a razão, o direito. O direito, embora vencido, não deixa de ser direito; um direito esmagado, é certo, mas... enfim e sempre, *direito*! E' que o direito é um valor, um dever-ser; e o facto, porque pertence ao mundo do ser, não pode aniquilar o valor, ou só o aniquila na *aparência*. Foi vencido pela força bruta o direito? Está bem, meu Amigo, ou antes, está mal. Mal para o facto, que será um dia superado finalmente pelo direito.

Compulse o livro da historia. Tire-o da estante. Aqui está. Vê? Se tiver a razão bem lúcida, verá que o *direito* sempre se foi criando laboriosamente no tempo através duma cadeia de derrotas, de esmagamentos, de fracassos. O artista, se quizer esculpir no marmore de Carrara a cabeça de Minerva, tem de contar com a pedra; a estatua brota duma *luta* encarniçada entre o génio criador do artista e a resistencia da pedra.

O direito não tomba do espaço como o granizo e o sol. Não! O direito não é um dom nem uma mercadoria; não se oferta nem se vende. O direito *conquista-se*, hora a hora, ano a ano, século a século; como a estatua do artista, brota duma *luta* encarniçada entre o positivo e o negativo, entre o justo e o injusto. Repare bem: brota duma *luta*; portanto, quem luta deve contar sempre com o triunfo e com a derrota. Mas a derrota do direito não significa a morte do direito; pelo contrario, a derrota constitui uma *etapa*, um *marco* de passagem dentro da marcha progressiva e interminada do direito. Sem essa derrota, talvez que o direito não progredisse tanto, se afundasse na quietação, no sono, na atonia. E é assim que do *contrario* do direito nasce o avanço do mesmo direito, do negativo desabrocha o positivo. Vê o meu Amigo?

Os cristãos consideram o pecado original como uma *culpa* feliz. sim, *feliz*, porque sem a violação adâmica não se dariam a encarnação, o transito mundanal de Jesus pela Galileia, a crucificação, a ressurreição, a redenção. Adão pedia Jesus, Eva pedia a Virgem. E é profunda esta idéa. Sem a *culpa* feliz dos tribunaes que condenaram Sócrates e Galileu, Joana do Arco e Damião de Gois, Bruno e Espinosa, o direito não teria progredido tanto em relação á idade da pedra lascada ou dos metais.

Isto não quer dizer que para que avance o direito, tenhamos necessariamente de efectuar a injustiça, de semear aos quatro ventos o mal. Não pretendo, querido Amigo, justificar o mal, legalizá-lo, canonizá-lo. Afirmo tão sómente que o mal, mesmo contra sua vontade, é frutifero, porque *provocador* do bem. Esse é o seu *castigo* tremendo, o seu *escarnio* percuente, o seu *carnaval* perpétuo. O bem tira o bem do proprio mal; Deus extrai o bem dos sortilégios do proprio Satanaz. Não consinta que a sua alma se turve com o espectáculo do mundo. O «direito da força» venceu mais uma vez a «força do direito»? Pois bem; que vamos fazer? Decepar a cabeça para que não tenhamos dores de cabeça? Viver ao frio, á chuva e ao vento porque o fogo nos devorou a casa? Ah meu Amigo, o que mais falece á juventude hodierna é a *coragem* moral, o gosto acre do heroismo. Ter coragem! Precisamente porque a força superou o direito, é que o nosso *dever* de homens, o nosso *dever* de *hombría*, como dizem os espanhóis, se ergue tanto mais imperativo; o *dever* de lutar para que tal recuo seja seguido dum passo em frente.

E saiba o meu illustre Amigo julgar o *modus faciendi* da Italia invasora como uma *culpa* feliz para a humanidade inquieta. Sem esta *culpa* não sentiria talvez o seu animo tanta palpação e angustia, tanta «rebelião» na alma e na carne contra o agrihoamento do direito pela força. Agora querido Amigo, há que extrair o bem do proprio mal, há que fazer progredir o direito, há que—mediante a acção varonil e colectiva das almas de boa vontade... jurídica e moral, transformar em *culpa* feliz para o mundo a propria *culpa* de Roma.

SÍLVIO LIMA

PEDEM-NOS a publicação do seguinte:

«Sr. director.—Segundo se lê no *Diário de Lisboa* de 13 de maio, nós somos dos países europeus o que mais e melhor tabaco cubano consome. E' um privilegio caro, mas que se justifica com a largueza dos nossos meios de compra (!), não é verdade?

Deixe-me, porém, senhor director, apontar-lhe uma «extravagancia» de maior tomo: um quilo de tabaco fino importado de Cuba paga menos direitos alfandegarios que igual peso de charutos fabricados em Portugal.

Fala-se a cada passo na protecção á industria nacional e eu creio que muito se tem trabalhado para isso. Este caso que cito parece que deve ser tomado em consideração, a fim de se não dizer que os estrangeiros é que são os filhos e nós os enteados. Gratissimo pela publicação.—Felipe Nacional».

* * *

SANTAREM vai estar em festa durante vinte dias. Começam no domingo as solenidades da Feira Distrital, iniciativa a que está ligado um programa admiravel de interesse regional.

São sempre de louvar estas manifestações da actividade, correspondentes á vida de uma provincia, de uma região ou cidade, pedra de toque do seu progresso, e, sobretudo, da confiança e agitação salutar dos seus homens.

O distrito de Santarem, rico e pitoresco, vai fazer uma grande concentração de trabalho, e soube organizar um programa que animará a terra escaabitana, quebrando a monotonia de que as cidades portuguesas teimam em se revestir.

* * *

A DELEGAÇÃO do Governo da Republica publica á 17.ª Assembléa da Sociedade das Nações, fica constituída—por decreto com data de hoje—pelo sr. ministro das Colonias, dr. Armando Monteiro, presidente, que será acompanhado por um secretario; pelos delegados dr. Augusto de Vasconcelos, ministro plenipotenciario e dr. Caeiro da Mata, reitor da Universidade de Lisboa; pelos delegados suplentes Jorge Santos, ministro em Berne, dr. Fernando Emídio da Silva, professor de Direito, Conde de Penha Garcia e D. Virgínia de Castro e Almeida.

* * *

POR um decreto hoje publicado as linhas de navegação aerea, quer portuguesas quer estrangeiras, ficam dispensadas de despachar os seus aviões nos consulados de Portugal, não havendo portanto necessidade de obter a carta de saúde. São também dispensados os vistos consulares nos certificados de nacionalidade dos aviões, nos de competencia dos pilotos e nas listas de passageiros.

* * *

CHEGA amanhã, a bordo do «Ar-lanza», o novo embaixador do Brazil em Portugal, sr. dr. Artur Guimarães de Araujo Jorge.

TEATROS E CINEMAS

Uma noite sensacional

A festa artística da grande Lucília Simões anda na boca de toda a gente como um grande acontecimento. Realmente vai dar-se um caso inédito em teatro: pela primeira vez o público terá ensejo de ver no mesmo palco um conjunto de artistas—os grandes valores da cena—que só o prestigio de uma grande actriz conseguia.

Palmita Bastos ao lado de Lucília. Estas duas grandes artistas com Beatriz Costa. As três com Irene Izidro e Hortense Luz. As cinco com Maria Sampaio e Mirita Casimiro. Mas ainda não fica por aqui. E Nascimento Fernandes com Amarante e Vasco Santana? Junte-se a isto que as peças são de Lino Ferreira e de Erice Braga e calcule-se o que será o Trindade na próxima sexta-feira, 22. E já não falamos na «Madga» a grande peça de Sudermann, a mais notável criação de Lucília Simões.

«O Sr. Conde», no Nacional

E' com a primeira representação da comédia em 3 actos e 5 quadros, de Yvan Noe e H. de Vere Stacpoole, que Norberto Lopes traduziu conservando toda a graça e toda a frescura do original, que Estevão Amarante realiza a sua festa na próxima quarta-feira, no teatro Nacional.

Trata-se duma peça elegante, que decorre num meio aristocrático de Londres, cheia de situações graciosíssimas, e que deve alcançar um êxito retumbante.

Estevão Amarante, actor de excepcionais faculdades, que o publico tanto admira, vai ter ensejo de realizar uma criação á altura dos seus meritos, num papel que entre nós difficilmente podia ser desempenhado por outro actor.

A festa de Maria Isabel

A actrizinha Maria Isabel de Carvalho, faz amanhã, na «matinée», do Capitólio, o seu recital com a «Anecdota» de Marcelino Mesquita em que interpreta o «Rapaz».

Neste espectáculo tomam parte as gentis artistas Auzenda de Oliveira, Maria Paula, Judith Marques, Elvira Paes e os actores João Lopes, Morgado Mauricio, João Villaret e Henrique Santos, as actrizinhas Maria Angelica Arnado dos Santos Moura e Milu Duarte e o amador Gabriel Lopes.

O espectáculo a' : com a dialogo «Boncos de Seixas» interpretado por Maria Isabel de Carvalho e Maria Angelica Arnado dos Santos Moura.

Atrás do reposteiro

Como vai dito noutro lugar, é hoje que se estreia no Maria Vitoria, em duas sessões, pela companhia Maria das Neves, a revista «A' Vara larga!», de Lino Ferreira Fernando Santos e Xavier de Magalhães, musica de Vasco Macedo, Camilo Rebocho, Frederico Vakrio e Fernando de Carvalho, com o actor comico «Costinha» no compêre «Zé Papagaio», interpretada nos seus 20 quadros pelos artistas Maria das Neves, Maria Cristina, Luiza Durão, Graziela Barreto, Lina Duval, Deolinda de Sousa, Liliã Gonçalves, Adelina Caldas, Alvaro de Almeida, Armando Machado, Pereira Saraiva, Alberto Miranda, Eugénio Salvador, Carlos Barros e Antonio Rosa.

—No Avenida, em duas sessões, estreia-se hoje, com uma nova companhia de que fazem parte Beatriz Costa e Nascimento Fernandes, a peça popular, musical, «A Garota da Sorte», de Luiz de Vargas, imitação de Luiz Ferreira e Fernando Santos, musica de Raul Ferrão que, além daqueles artistas, vai ser interpretada por Tereza Gomes, Maria Salomé, Beatriz Belmar, Aida Uitz, Zéca Fernandes, Pina Costa, Rosa Maria, Lotti Sande, Alvaro Pereira, Santo Carvalho (Ricardo), Abilio Alves, Jorge Grave, Carlos Baptista e Artur Moura.

—Deu ontem o seu primeiro passelo, já restabelecida da doença, que teve no Porto, a vedeta Luiza Sabatella, que oportunamente retomará a sua actividade profissional.

—A companhia Maria Matos estreia hoje, no Sá da Bandeira do Porto, a comédia «A Bicha de rabiar», original de Felix Bermudes, Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa.

—Por lapso dissemos que Mirita Casimiro e Rafael Marques serão interpretes da farsa «Adeus, Artur!», quando estes são, apenas, nos principais papeis, Vasco Sant'Ana, Carlos Leal, Antonio Silva, Alfredo Ruas, Josefina Silva, Filomena Lima e Virginia Soler.

—O teatro que vai funcionar na exposição da Alameda de Algés, com todas as condições regulamentares, será dirigido por um artista de teatro muito distinto, activo e trabalhador.

—Na festa que Alvaro Barradas e José Al-

ves realizam, no dia 18 do corrente, no Capitólio além de Francis e Ruth, Vanise Meirelles e Carlos Lisboa, tomam parte, D. Almerinda Monteiro, em numeros de canto classicos; Guilherme Kjolner, que cantará «Uma furtiva lagrima» e Paulo de Amorim, baritonos, no prologo dos «Palhaços», em português.

—Despede-se do seu pequeno publico, na «matinée», de domingo, a encantadora fantasia infantil Maria Migalha. Eis pois, a unica ocasião que se oferece para não perder este maravilhoso espectáculo que tem feito em «matinées» sucessivas a delicia da petisada que corre ao Nacional para ver o que succedeu á gentil princesinha «Maria Migalha», e á sua «Dama Lambisqueira» sob o dominio da Velha-Relha-Ferrunfunfelha.

—Hoje a companhia do Teatro Nacional desloca-se para Setubal onde, a pedido, vai levar «A Melodia do Jazz-Band». Amanhã representa-se no Teatro Nacional o extraordinario êxito ontem alcançado, com a peça «A Mãe».

—Não sairá tão depressa do cartaz a peça de grande espectáculo «O Grande Industrial», que ao Gimnasio, onde ha já tempo se conserva em cena, tem levado uma multidão de espectadores.

—O grandioso e genial filme «O pão nosso de cada dia», considerado o melhor da temporada, vai ser expibido amanhã, no Coliseu, em «matinée» e á noite, despedindo-se do publico de Lisboa no proximo domingo, igualmente em «matinée» e á noite.

«O Bolero», no Politeama

Dois filmes de tipo diferente. O primeiro «Mulheres, tenham cautela» é uma comédia cheia de espirito, desempenhada com galanteria. O entrecio gira á volta duma telefonista dum «arranha-céus», que descobre todos os segredos dum locatario que ama apaixonadamente.

Complica-lhe a vida com a melhor das intenções, salvando-o das garras cruéis de varias admiradoras e, por fim, do assalto dum terrivel «gangster».

A obra repleta de boas situações, viva, frivola, vê-se com inteiro agrado. Gary Grant dá-nos um papel ironico e cintilante e Frances Drake, além de ser bonita, é uma magnifica actriz.

PROGRAMAS DE HOJE

TIVOLI TELEF. 43151
Os 39 degraus
com ROBERT DONAT e MA-
A's 21 e 30 DELEINE CARROLL

CENTRAL Telef. 2 4381
A Rainha de Biarritz
uma espirituosa com-
A's 21 e 30 dia com Alice Fields
e Léon Bellères

ODEON Telef. 2 6283
Claudette Colbert
A's 21 e 15

PALACIO na super-produção
A's 21 e 30 O Espelho da Vida
Telef. 47163

LYS Telef. 4 8560
ROBERTA
A's 21 e 15 A Deusa do Fogo

TERRASSE ROBERTA
A's 21 Tel. 20917 A Deusa do Fogo

VA' VER AO
GIMNASIO
O GRANDE INDUSTRIAL
O MAIOR ÊXITO
DOS ÚLTIMOS ANOS

HOJE NO AVENIDA Duas Sessões: 8,50 e 10 h.
A Garota da Sorte
com Beatriz Costa e Nascimento Fernandes

O segundo filme tem como leit-motif musical, o «Bolero», de Ravel, do qual adoptou também o titulo.

E' uma produção com bons ambientes retrospectivos de Paris, de 1910 a 1914, nas vésperas da guerra.

George Raft, incomparevel bailarino, apresenta algumas das suas dansas e conta-nos uma historia interessante, animada por uma serie de lindas e estonteantes mulheres, de que ele indifferentemente se aproveita para realizar as suas ambições de artista.

Ha porém uma, entre todas que o domina e, como sempre, o repele, ficando, porém, com uma viva recordação cheia de ternura. O «Bolero», de Ravel, é executado em compassos magistraes.—A.

CARTAZ

TEATROS

Gimnasio—A's 21 e 45—«O Grande Industrial».

Avenida—A's 20 e 50 e 22 e 50—«A Garota da Sorte».

Variedades—A's 20 e 30 e 23—«O João Ninguem».

Maria Vitoria—A's 20 e 50 e 23—«A' vara larga!».

Coliseu—A's 21 e 30—Concerto Sinfonico.

CINEMAS

São Luiz—A's 21 e 30.

Tivoli—A's 21 e 30.

Central—A's 21 e 30.

Odéon—A's 21 e 15.

Politeama—A's 21 e 15.

Olimpia—Das 14 e 30 ás 0.

Capitólio—A's 21.

Condes—A's 21 e 15.

Chiado Terrasse—A's 21 e 15.

Paris—A's 20 e 45.

Palacio—A's 21 e 30.

Jardim Cinema—A's 21 e 15.

Royal-Cine—A's 21 e 30.

Safo Ideal—Rua do Loreto.

Café Luso

Hoje cantam os distintos artistas Berta Cardoso e Joaquim Seabra. Noite de arte e bem estar. A pedido, será exibido o lindo dueto «Rainhas de Portugal».

Avenida da Liberdade, 29 a 33

BOLSA DE LISBOA

15 de maio
CONTADO

VALORES	Eletorado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 4 3/4 1934...	1.160\$00	1.158\$00	1.160\$00
Consolidado 5 1/2 0/0 1933	1.093\$00	1.093\$00	1.094\$00
4 1/2 0/0 1933	1.035\$00	1.034\$00	1.036\$00
4 0/0 1934	932\$00	—	—
Externo 3 0/0 1. Sér. ...	1.670\$00	1.670\$00	1.672\$00
3 0/0 2. Sér. ...	—	—	—
3 0/0 3. Sér. ...	—	1.685\$00	1.690\$00
Emp. 4 1/2 0/0 1912 ouro	—	2.215\$00	2.235\$00
6 1/2 0/0 1930-Cons.	508\$50	508\$50	509\$00
Ações			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	451\$00	455\$00
Lisboa & Açores, port.	—	390\$00	395\$00
Portugal, portador.....	—	1.170\$00	—
Espírito Santo.....	—	625\$00	—
C. DE SEGUROS			
Bonança.....	—	—	—
Fidelidade.....	—	15.700\$00	—
Mundial.....	—	214\$00	217\$00
Nacional.....	—	—	—
Sagres.....	—	1.086\$00	—
Tagus.....	—	920\$00	—
C. DIVERSAS			
C. P. ordinaria.....	—	—	64\$00
privilegiadas.....	—	19\$00	21\$00
Agua de Lisboa, port.	330\$00	—	—
Cerveja Estrela.....	—	308\$00	—
Cimentos de Leiria.....	—	—	590\$00
Credito Predial.....	—	20\$20	20\$80
Gaz e Electricidade.....	328\$50	328\$00	328\$50
Portugal e Colonias.....	—	67\$00	67\$30
Navegação.....	71\$50	71\$50	72\$00
Portuguesa de Pesca.....	—	255\$00	259\$00
de Tabacos.....	423\$00	423\$00	423\$00
Tabacos de Portugal.....	—	383\$00	388\$00
Tabaqueira.....	—	—	—
União Electrica Portug.	—	235\$00	238\$00
COLONIAIS			
Açúcar de Angola.....	372\$00	371\$00	373\$00
Busi—1.ª Emissão.....	35\$20	35\$00	35\$30
—2.ª.....	—	31\$50	32\$50
ilha do Principe.....	258\$00	257\$00	259\$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0.....	378\$00	378\$50	379\$50
Prediais 6 0/0 1932.....	—	91\$00	—
7 0/0.....	114\$00	113\$50	114\$50
União Elect. Port. 7 1/2.....	121\$00	121\$00	123\$50
Busi 9 0/0.....	118\$50	118\$00	118\$50
6 1/2 0/0.....	—	104\$00	105\$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bol. de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 9

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	compra	venda
Londres.....	110\$00	110\$20
New-York.....	22\$16,4	22\$20,3
Paris.....	18\$16,2	18\$16,5
Berlim.....	8\$12,6	8\$14,4
Madrid.....	3\$02,9	3\$03,4
Amsterdã.....	15\$09,1	15\$09,8
Bruxelas.....	3\$75,1	3\$75,8
Roma.....	1\$75,5	1\$78,8
Zurich.....	7\$18,0	7\$19,3
Praga.....	\$92,0	\$92,2
Rio de Janeiro.....	1\$23,0	1\$23,4
Libra ouro.....	—	—

Danças plasticas

Tem sido grande a procura de bilhetes, no teatro do Gimnasio, para o admiravel espectáculo que na próxima segunda-feira, ás 21 e 30, ali realizam as notaveis professoras de dansas plasticas pelo processo ritmico de Jacques Dalcroze «madame Soso Doukas-Schau e «mademoiselle» Margarida Abreu, com as numerosas alunas.

Trata-se duma demonstração da verdadeira ritmica, sendo interpretados autores como Bach, Schumann, Severac, Debussy, Brahms, Scriabin e o saudoso compositor português Francisco de Lacerda.

O «Atlas linguistico da Península Hispanica»

Pelo ministerio da Educação Nacional foi determinado aos centros de estudo do país que concedam facilidades ao professor Otero, da Universidade de Santiago de Compostela, que, acompanhado pelo professor Armando Nobre de Gusmão, está a proceder ao levantamento do «Atlas linguistico da Península Hispanica», obra patrocinada pela Junta para Ampliação de Estudos, de Espanha.

Termas de Monfortinho

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anuncio que publicamos na nossa 12.ª pagina.

VINHO DO PORTO
Fonseca's
mais de um século
de existência.
UNICOS FOMCECAES
GUIMARAENS & C.
VILA NOVA DE GAIA

RETIRO DA SEVERA

R. Antonio Maria Cardoso, 5
Raquel de Sousa
Maria Luiza
Filipe Pinto
Solos de viola por Alfredo Costa
ENTRADA FRANCA

ANTES DE SUBIR O PANO

"A" vara larga!

a nova revista do Maria Vitoria

O que nos disse Lopo Lauer

Ia começar o ensaio—o ultimo da revista «A' vara larga!», que esta noite se estreia no Maria Vitoria. Meia hora depois subiria o pano do popular teatro do Parque Mayer, em cujo palco, fora do costume, reinava a calma e a tranquillidade. O empresario Lopo Lauer, timoneiro daquela nau que hoje começará singrando de novo, aguarda-nos, denunciando, apesar de tudo, o grande esforço dispendido, todo o trabalho exaustivo que representa, nesta altura, pôr uma revista em cena. Todavia, o jornalista encontra no seu rosto e na sua atitude, acima de quaisquer apreensões, uma grande sinceridade, um desejo ardente de, apenas, nos dizer a verdade, sem habilidades, sem reticencias, sem «snobismos». E, assim, quando lhe perguntamos o que pensava da sua nova revista, Lopo Lauer, sorridente, claro, preciso, diz:

—A' vara larga! é uma revista leve, ligeira, sem grandezas, dentro, bem dentro, do ambiente popular deste teatro. Destina-se—pode afirmá-lo—a que o publico aqui passe, vendo-a, um pedaço da noite, depois do jantar, sem que a sua digestão possa ser perturbada. Não afirmo, evidentemente, que cada espectador goste de todos os numeros; mas garanto-lhe que haverá, com certeza, um numero, pelo menos, ao sabor de cada um dos espectadores.

—Mas, a revista...
—Despretenciosa. E, precisamente porque o é, não suportaria o peso duma grande montagem. «A' vara larga!» é tudo quanto possa supôr de mais popular. Agua corrente. Aqui, um apontamento de côr, de vibração; acolá, uma canção; mais adiante, uma facecia... Como vê, não se destina á critica dos espectadores exigentes, mas, se fôr possível, á simpatia do publico. Não se esqueça que ela sobe á cena no Maria Vitoria, o teatro mais popular de Lisboa.

—E do elenco?
—Creio que uma bem organizada companhia vai desempenha-la. Confio, tranquilamente, em todos os seus interpretes, tanto mais que, no elenco, brilham alguns dos melhores valores especializados no teatro ligeiro.

—Agora...
—Esperemos, confiadamente.
Lopo Lauer tinha rematado a palestra. A mesma calma, e, sobretudo, a mesma sinceridade com que nos acolhera.

"A FESTA DA CRIANÇA"

no Casino Estoril

Na «Festa da Criança», de domingo á tarde, no Casino Estoril, em que ha, como temos dito, chá dansante, cinema comico, brindes ás crianças, passagem de modelos infantis e numeros de variedades por crianças, ha, entre outros, os seguintes numeros: trechos de revistas pela pequena actriz Maria José, discipula de Satanela; ballados, por Little's Mendes; historias, pela pequenina Maria Fernanda Granadeiro, e um tango e a cançoneta «A Grisette», por Maria Esmeralda Dias Fernandes.

Continua animada a marcação de mesas no restaurante e de cadeiras no salão de festas.

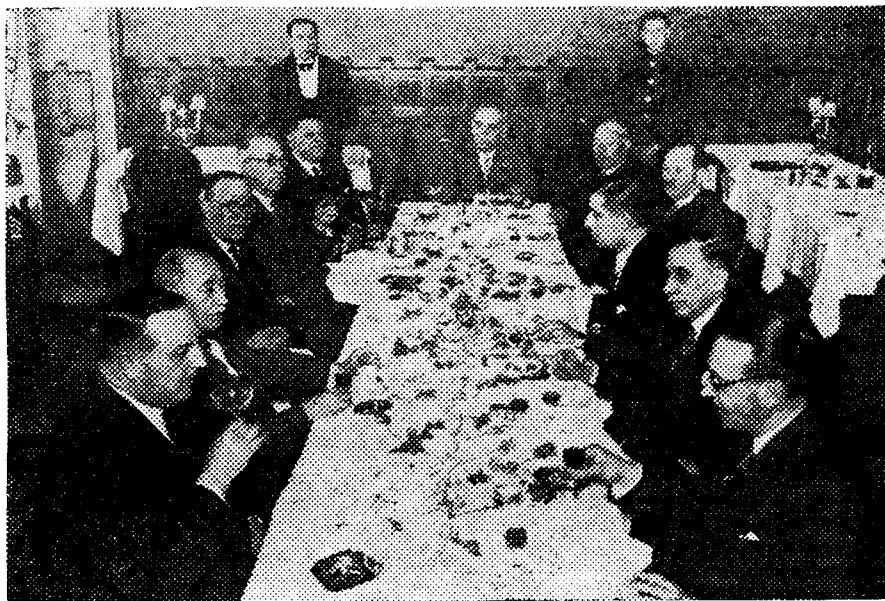
Amanhã, sábado, efectua-se o elegante jantar á americana, cujo preço é de 30\$00. Marcam-se mesas. O traje é de «soirée».

Todas as noites cinema e baile.

AS CANÇÕES DA UVA E DO VINHO

Serão publicadas amanhã

as onze poesias premiadas pelo juri



Aspecto da assistência ao almoço que ontem se realizou no café Tavares

O «Diário de Lisboa» publicará amanhã as doze poesias seleccionadas pelo juri e apuradas para premio.

Como já dissemos a classificação foi feita ontem de manhã, depois do que o juri redigiu e assinou a Acta que já publicámos.

O sorteio de divisas por maestros fôr realizado antes da decisão do juri, no que respeita á ordem de classificação, e o resultado desse sorteio foi comunicado no dia 13, á noite, á Sociedade de Escriitores e Compositores Teatrais.

«Divisas» e Maestros

- 1.ª classificação: divisa «Amigo Antigo». Será musicada pelo maestro Frederico de Freitas.
- 2.ª classificação: divisa «Arado Velho». Maestro Raul Ferrão.
- 3.ª classificação: divisa «Catão». Maestro Wenceslau Pinto.
- 4.ª classificação: divisa «Agnus». Será musicada por Armando Rodrigues e A. Correia Leite de parçaria.
- 5.ª classificação: divisa «Zé da Uva». Maestro Antonio de Melo.
- 6.ª classificação: divisa «Junca». Será musicada pelo dr. Antonio Viana.
- 7.ª classificação: divisa «Cipião». Maestro Raul Portela.
- 8.ª classificação: divisa «Semele». Maestro Armando Leça (do Porto).
- 9.ª classificação: divisa «Filoxera Enxofrada». Maestro Vasco de Macedo.
- 10.ª classificação: divisa «Zé da Lavra». Será musicada por Cruz e Sousa.
- 11.ª classificação: divisa «Claudino». Maestro Raul Ferrão.
- 12.ª classificação: divisa «Maria do Lagar». Maestro Raul Portela.

Os diplomas de Merito

Além destas poesias, foram seleccionadas pelo juri mais 20 para primeiros diplomas de merito. Publicá-las-emos.

Poderão ser musicadas pelos maestros que o queiram fazer.

O juri indicou á direcção do Concurso 80 poesias seleccionadas para segundos diplomas de merito.

Ha poesias humoristicas de merito e de espirito, ás quais são atribuidos diplomas.

Os premios

Tinhamos anunciado que seriam premiadas 10 poesias. Foram premiadas 12.

Os 12 premios de caixas de vinhos de boa marca estão sendo apartados pela comissão do Centro de Estudos Científicos do Vinho e da Uva. Ninguem mais competente do que os illustres engenheiros agronomos sr. Homem de Melo, Cincinato da Costa Lima e dr. Samuel Maia, que constituem aquela comissão.

Os premios pecuniarios tinham sido estabelecidos no numero de 10. O primeiro de 500 escudos, o segundo de 250 escudos, o terceiro, quarto e quinto de 100 escudos; o sexto até decimo de 50 escudos.

Devido ao oferecimento da direcção do Gremio de Exportadores de Frutas, e transmitido ha vinte dias pelo nosso amigo Victor Guedes, de 500 escudos para premios, foi possível alargar o numero de premios pecuniarios e aumentar o seu valor. E ficou assim resolvido pela direcção do Concurso:

1.º premio de 500 escudos, segundo de 300, terceiro, quarto e quinto de 150; e os restantes até ao duodécimo de 100 escudos cada.

Os autores

Os autores que ficam com os seus direitos de propriedade literaria acautelados, nos mesmos termos das bases aprovadas para os direitos dos maestros, em conformidade com a lei—só amanhã serão conhecidos, e as poesias serão publicadas firmadas pelos seus autores.

Na proxima semana serão entregues os premios.

SUFRAGIOS

Suzana Ribeiro Duarte Silva

Comemorando o 2.º anniversario do falecimento da sr.ª D. Suzana Ribeiro Duarte Silva, mandou seu viuvo o, sr. tenente coronel de cavalaria José Duarte Silva, rezar uma missa, amanhã, na Basilica da Estrela, pelas 11 horas.

Barbosa & Costa L.ª

Tem em exposição o mais chic mobiliario e de maior originalidade a preços sem competencia.

Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone 23562

O banquete de homenagem

a Eugenio d'Ors

e a conferencia de hoje

Eugenio d'Ors, o notavel pensador espanhol que na Faculdade de Letras deu interessantes lições e na Academia Nacional de Belas Artes realizou uma conferencia, conclui esta tarde a sua tarefa em Portugal, pronunciando, ás 18 horas, no Secretariado da Propaganda Nacional, uma palestra subordinada ao suggestivo titulo de «Politica de missão».

O banquete que ontem lhe ofereceu no Aviz-Hotel, com a assistencia de varias personalidades em destaque nas letras, nas artes e nas ciencias, o director do S. P. N., constituiu um acontecimento digno de registo sob diversos pontos de vista. Se litterariamente marcou, pelo bello discurso de Antonio Ferro e pela original dissertação de Eugenio d'Ors, concluida com um inspirado poema em que se canta a acção civilizadora de Portugal, deve dizer-se com justiça que para que o grande escritor espanhol e toda a assistencia ficassem maravilhados muito contribuíram a decoração da mesa a apresentação dos diversos pratos e a sua excellencia, facto tanto mais merecedor de destaque quando é certo que o Aviz que começou com uma grande maioria de pessoal estrangeiro pôde já dispensar quasi todo este, empregando quasi exclusivamente portugueses.

UM ACHADO DE OSSADAS

na quinta do Ferro

Na quinta do Ferro, á rua do Vale de Santo Antonio, estão a construir-se diversos predios, para o que numerosos trabalhadores procedem á abertura de caboucos com dois metros de altura.

Esta manhã, num desses caboucos, um operario encontrou uma caveira e diversos ossos humanos. O caso foi comunicado á Policia de Investigação, sendo encarregado o agente Baldy Belem de proceder a investigações. Depois de examinar atentamente os despojos funebres, aquele agente concluiu que se trata da caveira dum homem novo, apresentando uma fractura no maxilar que lhe deve ter causado a morte.

Se houve crime, o caso deve ter-se passado ha muitos annos, não havendo possibilidade de identificar a vitima.

UMA INTIMAÇÃO INUTIL

ou o desejo de incomodar as pessoas

O guarda n.º 1493, da Policia Municipal veio ontem ao «Diário de Lisboa» entregar, com modos solenes, um papel no qual se intimava o nosso querido amigo Pedro Boddallo Pinheiro, director da «Renascença Grafica», a pagar nos cofres municipais certa quantia em que por ele fôr multado. Pedro Boddallo compareceu hoje na repartição competente dos Paços do Concelho, para saber do que se tratava; e, depois de sofrer a má-criação inverosimil de um terceiro ou coisa parecida que dava mostras de ter sido ali posto de proposito para maltratar quem passa, conseguiu averiguar que o 1493 o multara por causa dum letreiro do automovel.

Apenas: o automovel de Pedro Boddallo Pinheiro nunca teve nem tem letreiro algum, conforme foi verificado por um funcionario municipal.

Chamamos para este caso a atenção do sr. comandante da Policia Municipal, pois não está certo que ande a desempenhar a função de zelador das posturas municipais quem não sabe o que é um letreiro, e que seja, ainda por cima, o publico quem pague as consequencias dessa ignorancia inacreditavel.

TIVOLI: Robert Donat e Madeleine Carroll no sensacional filme de espionagem e de mistério

OS 39 DEGRAUS

A seguir: A BANDEIRA com Annabella e Jean Gabin

São Luiz: O melhor programa da temporada!

ANNA KARENINE

No programa: «AUDIOSCÓPICOS», o cinema em relêvo

O novo embaixador da Espanha chega esta noite a Lisboa



SANCHEZ ALBORNOZ

No «rapido», de Madrid chega hoje, às 23 e 55, o novo embaixador de Espanha junto do governo português, sr. dr. Claudio Sanchez Albornoz, prestigioso catedrático de Historia e autor de numerosas obras, entre as quais destacamos, pelo seu interesse local, «La Curia négia portuguesa nos séculos XII e XIII», político de destaque e diplomata.

O sr. D. Claudio Sanchez Albornoz, filho do senador vitalício D. Nicolás Sanchez Albornoz e de D. Tereza Menduñia, nasceu em Madrid no dia 7 de abril de 1893, contando, portanto, 43 anos.

Estudou as primeiras letras em Avila, donde são naturais seus pais; cursou o Bacharelato nas Escolas Pias de S. Fernando, de Madrid, e começou a carreira de Direito na Universidade Central. Abandonou a carreira de Direito para se dedicar à de Letras, doutorando-se na secção de Historia, na qual alcançou premios extraordinarios, em todas as cadeiras e nos titulos de licenciado e doutor. Em 1915 foi nomeado arquivista, por concurso e com o n.º 1.

Durante três anos trabalhou no Arquivo Historico Natural, e em maio de 1918 foi votado por unanimidade para a cadeira de Historia de Espanha na Universidade de Barcelona. Depois, passou à de Valladolid para continuar os seus estudos sobre Historia, das Instituições Castelhanas.

E, por morte do famoso professor Hinojosa, ficou Claudio Sanchez Albornoz com a sua cadeira de Historia Antiga e Media de Espanha, na Universidade Central. Em 1920 foi anunciado um premio de 25.000 pesetas para solenizar o Centenario da batalha de Covadonga, e outorgado pelas Reais Academias da Lingua e da Historia ao melhor trabalho apresentado sobre o tema: Covadonga: Instituições sociais e politicas do Reino de Asturias.

O premio foi tambem outorgado ao sr. Sanchez Albornoz em 1924. Na primeira vaga da Academia da Historia, era nomeado academico de numero, por unanimidade. E em 1933 ia ocupar a reitoria da Universidade Central, cargo do qual se demittiu em 1934. Anteriormente tinha sido ministro de Estado passando então por Lisboa pois o chamaram quando se encontrava em missão cultural na America. A Lisboa havia o illustre historiador de voltar na qualidade de douto conferencista, quando da Exposição do Livro Espanhol.

Já depois de nomeado embaixador de Espanha junto do governo português, e na sua qualidade de vice-presidente da Camara dos Deputados, foi encarregado de notificar a demissão presidencial ao sr. Alcalá Zamora, e de proclamar a eleição do sr. Martinez Barrio.

Na estação do Rossio está-lhe hoje preparada imponente recepção por parte da Camara de Comercio e doutros organismos da colonia.

Morte dum general italiano

ROMA, 15.—Faleceu o general Chiapirone, comandante da região militar do Pisa. — (Havas).

às 5 horas chá

PATISSERIE VERSAILLES

A SITUAÇÃO EM ESPANHA

Crise do partido comunista

MADRID, 15.—Num comicio realizado pelas Juventudes Comunistas no teatro Cegaste, o deputado comunista Daniel Ortega afirmou que se estão introduzindo no partido elementos que exigem que este tenha um caracter mais avançado do que aquele que lhe é aconselhado pelos dirigentes, facto que prejudica a politica do partido e o seu desenvolvimento. — (United Press).

A morte dos irmãos Badia

BARCELONA, 15.—Apesar das diligentes investigações da Policia não foi possível, até agora, averiguar a identidade dos autores do atentado que vitimou os irmãos Badia. O juiz que preside ás investigações determinou que fossem restituídos á liberdade os irmãos José e Manuel Golsona, por contra eles nada se ter apurado. — (U. P.)

Greve geral em Vigo

VIGO, 15.—Terminou a greve geral, declarada ante-ontem como protesto contra os incidentes ocorridos nesta cidade em que morreram 2 pessoas e houve muitos feridos. As organizações operarias pedem a destituição do chefe da Policia. — (Havas).

Operarios espanhóis em Genebra

MADRID, 15.—O Conselho Nacional da União Geral dos Trabalhadores nomeou seus representantes á Conferencia do Trabalho de Genebra Izabel de Palencia, Pascual Tomaz e Manuel Loiz. — (Havas).

VIDA DIPLOMATICA

O sr. d'Hybonville e sua esposa tiveram uma afectuosa despedida

Acompanhado de sua esposa, partiu hoje no «sud-express» para Paris o sr. Paul d'Hybonville, 1.º secretario da legação de França, que ocupava aquele lugar ha oito anos em Lisboa, onde grangeara grandes simpatias e que vai prestar serviço no Quai d'Orsay.

O sr. Paul d'Hybonville e sua esposa tiveram uma afectuosa despedida.

Madame Hybonville recebeu cumprimentos de quasi todas as senhoras da colonia francesa, que lhe ofereceram muitos ramos de flores. Na gare compareceram, entre outras individualidades, os srs. ministros da França, da Holanda, da Romania, da Alemanha e da Polonia; encarregados dos Negocios da Argentina, do Chile e da Checoslovacia; representantes do major general da Exército e do director da Arma de Artelharia; tenente-coronel Esmeraldo de Carvalho, Diogo Joaquim de Matos, almirante Augusto Osorio, condes de Carnide e de Carrobio; professor Francisco Antonio Correia, dr. Francisco Calheiros, Jaime Tompson, major Meneses, Guilherme Pinto Bastos, general Vicente de Freitas, dr. Rodrigo Pereira, Magalhães Domingues, dr. Pinto Ferreira, Ferreira de Andrade, pelo presidente da Camara Municipal de Lisboa; Julio Ferreira e Pedro Pagani, pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra; membros da Camara do Comercio, do Instituto Francês e da União dos Combatentes franceses, etc.

Almoço de confraternização na Escola Valsassina

Na Escola Valsassina, prosseguiram hoje as festas anuais, com um almoço de confraternização entre alunos, professores e directores, o qual decorreu num ambiente de franca cordealidade.

Tomaram parte na simpatica festa muitas dezenas de alunos de ambos os sexos e todo o corpo docente. Na mesa de honra sentaram-se o sr. Frederico Valsassina, director da Escola e sua esposa; sr.ª Dr.ª D. Maria Carolina Ramos, tenente-coronel Miranda de Lemos, Augusto Leone, Pedro Cardia, major David dos Santos e D. Maria Izabel Pereira.

Findo o almoço, o sr. Frederico Valsassina proferiu algumas palavras alusivas ás festas, que estão a decorrer com grande animação.

O serviço foi fornecido pela Pastelaria Colombo, da avenida da Republica, 10-H.

Desastre mortal

SETUBAL, 15.—(Pelo telefone).—Cerca das 14 horas e 30, quando um individuo, de apelido Gamicho, conduzia um carro de bois pela estrada de Palmeira, em frente do campo dos Arcos, proximo desta cidade, o referido individuo caiu e foi atropelado pelo carro que guiava. Uma das rodas passou-lhe pelo cranio, provocando-lhe morte instantanea. A vitima encontrava-se em estado de embriaguês.

AS INCERTEZAS DO MOMENTO INTERNAZIONALE

“O povo italiano quiz o seu imperio e s

atirmou Mussolini numa entrevista que conced

Eden conferenciou com Léon Blum

PARIS, 15.—Léon Blum conferenciou com Eden, ministro dos Estrangeiros da Inglaterra. Eden conferenciou, igualmente, com Flandin examinando com ele a situação internacional. Por outro lado, Sarraut recebeu o embaixador da U. R. S. S.—(Havas).

A famosa questão das balas «dum-dum», vendidas pela Inglaterra

LONDRES, 15.—O «Daily Herald» de hoje publica um artigo sobre o que «verdadeiramente se esconde por detrás da questão das balas «dum-dum», que segundo a Italia diz, a Inglaterra forneceu á Etiopia».

Diz aquele jornal que se averiguou o seguinte: O Ministro da Etiopia em Londres, dr. Martin, autorizou, em dado momento, a aquisição de quantidades importantes de armas e munições, por conta da Etiopia. Entre estas ultimas figuravam 3 milhões de balas «ponta mole», que são de facto balas «dum-dum». A firma fornecedora é uma casa de Birmingham. Estes factos que servem de base ás acusações italianas mascaram, porém, afirma o «Daily Herald», uma manobra destinada a explorar a boa fé do dr. Martin e a servir a propaganda italiana contra a Etiopia e Gran-Bretanha.

O dr. Martin foi enganado por um negociante de armamentos, o coronel Mezler, que lhe propoz o negocio. Com efeito o ministro ignorava absolutamente a verdadeira natureza de «balas de ponta mole». Mezler, de posse da autorização do dr. Martin, desapareceu e calcula-se que tenha entregue o documento ao serviço de informações italiano.

Seguidamente, conclui o «Daily Herald», a encomenda nunca foi executada e da Gran-Bretanha nunca seguiram balas «dum-dum» para a Etiopia. — (Havas)

O discurso de Baldwin foi vivamente criticado

LONDRES, 15.—A defesa de Baldwin feita ontem perante as Associações Femininas Conservadoras, não provocou uma maior actividade por parte dos seus correligionarios, nem acalmou os impetus, cada vez mais violentos, dos seus adversarios. A imprensa conservadora mostra-se pouco entusiasmada. A unica nota favoravel é a apreciação do «Daily Telegraph» que declara que «Baldwin falou ontem como um cidadão do mundo».

O «Morning Post» mostra o seu descontentamento dizendo: «Baldwin e os seus colegas de gabinete não poderão livrar-se, assim tão ligeiramente, das censuras e ataques de que têm sido alvo».

O «Daily Express» classifica o discurso do Primeiro Ministro de «mole dissertação». O «Daily Mail» publica um curto resumo do discurso, sem quaisquer comentarios.

Quanto á Imprensa da opposição, as suas criticas podem resumir-se no artigo publicado por J. A. Cummings, no «New Chronicle».

«O discurso de Baldwin, escreve, é um discurso sem vida. É uma serie de argumentos ócos e sem nexos, quanto ao papel que incumbe á Liga de Genebra. Enquanto Baldwin falava, o auditorio fechava os olhos, procurando um esquecimento momentaneo».

O «Daily Herald» diz:—«O discurso de Baldwin não foi mais do que uma serie de divagações sem consistencia, pronunciadas por um velho «gentleman» de espirito tacanho. Nenhum pensamento nenhuma directiva, nenhuma decisão!»

Por outro lado, alguns jornais, entre eles o «Daily Mail» e o «Daily Express» afirmam que se dará em breve uma recomposição ministerial.

Por fim, toda a Imprensa continua a dar grande importancia ás revelações feitas pelo tribunal de inquerito, a proposito das «indiscrições orçamentais» e do papel que nestas representou o ministro dos Dominios.—(H.)

PARIS, 15.—O «Matin» publica um tante teve com Mussolini.

—Ninguém no mundo—declarou o povo italiano esteja apaixonadamente volcessidade para completar a sua obra. Q paz, mas se tentarem arrancar-nos os tantos sacrificios, encontrar-nos-ão de

Mussolini insurgiu-se contra a critica gados pelos italianos na Etiopia e cont

—Não me queixo hoje—disse—desta no e permitiram-nos obter uma victoria Etiopia é irrevogavel, integral e unicam

Frizou o caracter «humano» da acção —Como poderá a França deixar de inteligencia e de intuição? Amanhã, em que fizeram sempre profissão de servir eles comecem por nos deixar em paz. D

Como o jornalista lhe recordasse bro, ao afirmar que as «sanções milita ficar a carta da Europa», Mussolini est

—O que disse então a respeito das ca das sanções economicas

E o Duce concluiu:

—É irrevogavel. Epiteto-o. É precis lavra, este grito de todo um povo que so saberá defende-lo amanhã com toda cas.—(Havas).

Blum fez um grande discurso dizem com todas as

(Serviço esp

PARIS, 15.—O chefe socialista Léon pronunciou hoje no «American Club» um

—Hoje ainda sou um homem completo co da franqueza que me dá essa liberdade sobre o que penso em materia de politica todas as nações do mundo, quaisquer qu ternos, eliminar todas as causas do con guerra. Queremos, como todos, e esperen ra consolidar e organizar a Paz.

«A experiencia que vamos tentar, n de exito, se não houver paz interna. Na guerra. Nem supomos, tal como os nos savam, que a guerra pode ás vezes ence cionaria. Ha já longos anos que a gran dessa ilusão.

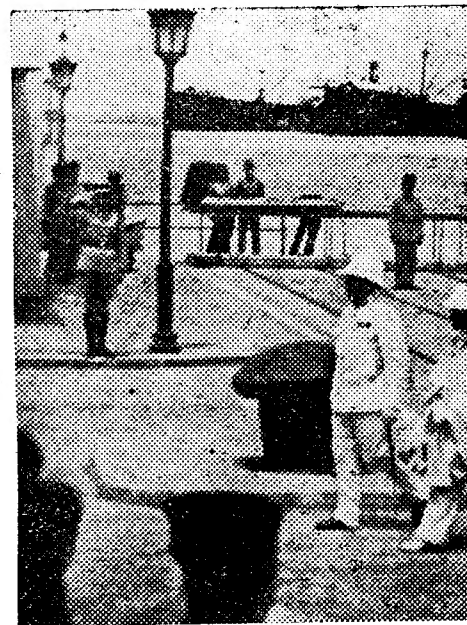
«Qualquer coisa houve que foi paz guerra. Queremos a paz com todos! E rando com todas as nações de boa von da guerra de propaganda, a idea da g

«Não se deve opor um instante se absurda, que nós possamos pensar em por espirito de odio e represalias, p na esperança de destruir este ou aque

Os alemães trabalham febrilmente

LONDRES, 15.—Segundo o «Manch febrilmente na remilitarização da Renan completado o sistema de fortificações na

«Um exercito de operarios, afirma quer coisa de bem diferente da linha M uma série de trincheiras permanentes, d defesa anti-aerea. Constroem-se, igualm ferreas. Estas posições têm caracter-essen Eifel, ao longo das colinas do Mosela, segunda linha de fortificações estend-se



O imperador da Etiopia, Haile Salassie no cais

INTERNACIONAL

saberá defendê-lo"

deu ao «Matin»

uma entrevista que um seu represen-

o Duce—pode, pôr em duvida que o po-

Quero a paz e quero trabalhar para a

s frutos duma vitória conquistada com

o pé, prontos para tudo.

crítica que se faz aos processos empre-

entra as sanções.

estas, pois galvanizaram o povo italia-

ria totalitaria e um imperio. Hoje a

mente italiana.

ação italiana e exclamou:

de compreendê-la, a França—povo de

em França, vão subir ao poder homens

a paz. Não quero pôr em duvidas que

Deposito neles confiança.

e as palavras que proferiu em setem-

esclareceu:

sanções militares repito-o agora acêr-

ção que a Europa inteira oiga esta pa-

quize o seu Imperio e que se fôr preci-

da a sua coragem e todas as suas for-

endo que a França quer colaborar

outras nações

special para o «Diario de Lisboa»

Dr. Blum, futuro chefe do governo francês,

um discurso durante o qual declarou:

amente livre e permito-me usar convos-

Quero dizer-vos algumas palavras

ica internacional. Desejamos, como aliás,

que sejam as suas politicas e regimes in-

inflito que possam, um dia, provocar a

emos que todos o queiram, trabalhar pa-

não poderá prosseguir nem ser coroada

os encontramos nenhuma virtude na

os os antepassados de 1792 e 1848 pen-

errar uma virtude libertadora e revolu-

andante figura de Jean Jaurès nos afastou

ara nós um remedio salutar: a propria

Queremos trabalhar em paz, colabo-

ontade e excluimos em absoluto a idéa

guerra de represalias.

sequer, porque isso seria uma hipotese

em levar este país a posições belicasas

para vingar camaradas perseguidos ou

uele regime».—(Havas).

ente na fortificação da Renania

chester Guardian», a Alemanha trabalha

nia, e dentro de cinco a seis meses terá

naquela zona.

aquele jornal, constroi activamente qual-

Marginot. Os fortes são reforçados por

dispondo de ninhos de metralhadoras e

mente, abrigos subterraneos, com linhas

encialmente defensivo e o sistema vai até

Palatinado e oeste da Floresta Negra. A

e desde Francfort a Neckar.—(Havas).

sié, ao desembarcar com a sua comitiva

de Haiffa

(Fotografia Keistone, vinda por avião)



O barão Aloisi abandona o Conselho da S. D. N., em virtude de considerar deslocada a presença dum delegado do Negus no aeropago de Genebra

A resposta do Reich ao questionario inglês

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

BERLIM, 15.—O governo do Reich propõe-se, na resposta ao questionario britânico, desenvolver o seu plano de reorganização economica mundial, tratando dos problemas cambiais e da divisão das materias primas. Focará igualmente a questão colonial. Todavia não ha por enquanto confirmação destas intenções, e convem acolher as noticias a respeito do que será a referida resposta, com certa reserva.—(Havas).

Na visita de sir Eric Phipps a Hitler tratou-se da questão colonial?

BERLIM, 15.—Os circulos diplomaticos ingleses e as esferas politicas alemãs observam uma enorme reserva acêrca da entrevista que sir Eric Phipps teve com Hitler. A falta de informações dá lugar a varios boatos. Assim, pretende-se que durante a entrevista se teria encarado a visita dum homem de Estado inglês a Berlim, chegando mesmo a mencionar-se o nome de Lord Halifax. Diz-se tambem que sir Eric Phipps teria abordado varios assuntos que não constam do memorando britânico, nomeadamente as questões economica e colonias.

A unica indicação que se obtém nos circulos alemãs é que o governo do Reich se esforçará para responder brevemente ao questionario inglês e que a visita de sir Eric Phipps a Hitler serviu de «preparação imediata» para a resposta.—(Havas).

Na Conferencia Internacional do Trabalho vai ser levantado o problema colonial

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

ROMA, 15.—A Italia interessa-se pelas proximas discussões da Conferencia Internacional do Trabalho, na parte em que estas foquem o problema da distribuição das Colonias, questão esta que seria levantada pela Delegação japonesa. A Italia é favoravel á apresentação da questão e, por outro lado, considera, como tendo fundamento as esperanças alemãs quanto á solução do problema. Os meios officiais italianos sempre mantiveram a opinião de que a campanha da Ethiopia se fizera para respeitar as possessões da Inglaterra e da França, potencias consideradas amigas, mas isso não quer dizer que a Italia tivesse deixado de ser favoravel ao principio da redistribuição. O seu desapoço, actual, por Genebra impede-a de resto, de tomar a iniciativa da campanha, mas a iniciativa japonesa poderá contar com a sua simpatia.—(Havas).

A Inglaterra estuda a questão dos mandatos

LONDRES, 15.—O Primeiro-Ministro Stanley Baldwin recebe na proxima 3.ª feira a comissão nomeada pelo Comité dos Negocios Imperiais que o grupo parlamentar conservador designou para se occupar da questão dos mandatos.—(Havas).

(Lêr mais telegramas na 8.ª pagina)

TRIBUNAL MILITAR

Julgamento dum ex-sargento acusado duma agressão a tiro

No 2.º Tribunal Militar Territorial está a ser julgado o 2.º sargento invalido da guerra, José Frade, da 5.ª companhia de Reformados, acusado de, na noite de 2 de dezembro de 1934, no lugar de Malhou, concelho de Alenquer, ter disparado quatro tiros de pistola contra João Filipe Pereira, regedor daquela freguesia, ferindo-o na cara com um dos projecteis, que lhe perfurou o maxilar superior, deixando-o em perigo de vida e causando-lhe impossibilidade para o trabalho durante largo tempo.

O reu é defendido pelo sr. dr. João Correia Ribeiro.

Este conflito deu-se em consequencia do sargento attribuir ao regedor o facto d'este pretender tirar-lhe a pensão de sangue. Foram lidos os depoimentos das testemunhas de accusação, e depois o do sr. tenente João da Silva Louro, que á data da prática do delicto desempenhava as funções de administrador do concelho de Alenquer.

Depuzeram a seguir onze testemunhas de defesa, entre as quais o sr. capitão Augusto Henriques, alferes João Jorge e sargento-ajudante Santos Vaquinhas.

Nos debates intervieram o promotor de justiça e o accusador particular, que pretendiam demonstrar a intenção de matar por parte do reu, e pedindo para ele a condenação correspondente ao delicto.

Está no uso da palavra o sr. dr. João Correia Ribeiro, que, com os elementos constantes do processo e pelos antecedentes do conflito, pretende demonstrar que o seu constituinte, além de se tratar duma pessoa que não estava no uso das suas faculdades quando praticou a agressão, merece a benevolencia do tribunal.

A sentença deve ser lida ainda hoje.

Uma conferencia sobre Malthus

pelo dr. Gonçalves Pereira

O sr. dr. Armando Gonçalves Pereira, professor do Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras, realizou hoje, pelas 11 horas, naquele estabelecimento de ensino superior, a sua annunciada lição sobre «Malthus», que faz parte da serie dedicada aos economistas britânicos. O sr. Moses Amzalak, director do Instituto, fez a apresentação do conferente.

Depois de traçar o retrato de Malthus, o dr. Gonçalves Pereira referiu-se á formação moral do famoso economista, descrevendo o meio familiar e social em que cresceu e os motivos que o levaram a escrever o celebre ensaio sobre a população.

A seguir o conferente examinou, sob o aspecto critico, as doutrinas malthusianas, referindo-se ao movimento científico que em volta delas se formou.

Demonstrou a influencia de Malthus em outros economistas, especialmente Ricardo e Stuart Mill, e desenvolveu as teses do Eugenismo, tendentes a fiscalizar os nascimentos no sentido de evitar deformações de seres inferiores, tarados, incapazes, etc.

O sr. dr. Gonçalves Pereira terminou a sua conferencia por se referir largamente ao caso demografico português, defendendo, simultaneamente, duas teses. Na primeira diz que se deve desenvolver a população, protegendo-se as familias numerosas, reprimindo-se a mortalidade infantil e alargando os serviços de assistencia social, e na segunda, manifesta a opinião de que se deve providenciar no sentido da valorização demografica evitando-se a gestação de seres inferiores e anormais, de acôrdo com os principios da eugenia.

Um banquete de homenagem

á Marinha Portuguesa

Consta que o Aviz Hotel prepara uma elegantissima e patriótica festa dedicada á Marinha portuguesa e que se realizará em 28 de maio, dia dedicado este ano ao renascimento da nossa gloriosa armada.

Sabemos que todos os modelos dos nossos navios de guerra estão a ser aprontados para figurarem nas varias mesas como motivos decorativos. Esses modelos estão a ser executados pelo mestre carpinteiro e pelos mecanicos do Aviz Hotel.

Carreiras Lisboa-Tanger

Realizou ontem a sua habitual viagem semanal o trimotor da Aero-Portuguesa, que partiu para Tanger, com correio para Marrocos, Africa Occidental Francesa e Brasil.

Bons processos de propaganda

Na noticia que ontem publicámos sob este titulo, saiu que «The Anglo-Portuguese Telephone Co., Ltd.», presta esplendidos serviços em Lisboa, Porto e Anadia, quando o que se escreveu foi «em Lisboa, Porto e arredores».

NA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

Uma exposição de trajes

regionais portugueses

Não se trata, propriamente, guma exposição de bonecas, antes duma admiravel galeria etnografica, racionalmente estudada sob modelos regionais característicos, que nos dão, em todos os seus pormenores de graça, de pittoresco, de louçania, a carta geografica do trajo nacional. Esta galeria é a sintese dum notavel esforço artistico de varios organismos officiais e publicos, entre os quais devemos destacar a iniciativa da Associação Comercial e o avizado conselho da Sociedade Nacional de Belas Artes. Primeiramente houve que proceder a merecuração rigorosa do boneco ou boneca a vestir e tanto quanto possível, dar-lhe caracteres somaticos, que definissem o homem da planicie do da serra, e do da costa, em divisões que não só abarcassem as fronteiras de cada provincia, mas ainda de cada região.

Com este escurupulo, os resultados excederam as mais lisonjeiras esperanças dos organizadores do certame. Esta converteu-se num mostruario de museu, de tal maneira que muitos dos bonecos estão já adquiridos, e agora ha que repeti-los satisfazendo assim as encomendas que chegam de toda a parte.

Esse lucido espirito de sadio português, que foi Ramalho e Fialho, o artista das coisas tipicas, das pequeninas artes e misteres regionalistas, ficariam assombrados, se ainda estivessem, perante este museu de indumentaria. Os trajos são por assim dizer contemporaneos, não indo a sua historia além do ultimo seculo.

Sob eles poder-se-ia fazer um belo estudo. Ha de tudo, nesta galeria de bonecos, de tipo fixado cientificamente.

O mirandez, com a sua capa de honra, espessa cobertura para a defesa das nevres do Marão, as graciosas lavadeiras do Minho e Douro, com as suas saias rodadas, a sua camisa de linho, arrendada ou bordada gama opulenta, rica, esplendorosa de côres, os maritimos da Nazaré, com a sua bluzza listrada, de calças arregaçadas e barrete negro, os vestidos tão frescos, na sua florida modestia, das lavadeiras de Canegães e Loures, o maioral do Alentejo, com os seus surrões e o seu chapéu redondo, as mulheres da Beira, pompeando trajos de cerimonia, de dó ou de trabalho; expressões de Lisboa, o «fala», a peixeira, o moço de forçado e o campino do Ribatejo, de colete vermelho e cinta de seda (ricamente franjada, o homem das furnas da Madeira, com o seu capirote,—eis, entre centenas, alguns «specimens», de beleza total, em todos os seus pormenores, que nos cativam nesta admiravel figuração. Vê-se nitidamente como as condições climaticas influem no trajo popular e como certos elementos classicos do vestuario, a côr, o recorte, o rebuço continuam em nossos dias «ne varietur».

Esta exposição é valorizada por uma secção biblio-iconografica, onde ha curiosas estampas de costumes portugueses de Murphy, Kinsey, Columbano, Joubert, Palhares, Machphail, que se pode considerar o seu natural e imprescindivel complemento.

UM NAVIO PIRATA

percorre o Atlantico e esteve algumas horas num porto espanhol

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

LONDRES, 15.—Anda um navio pirata no Atlantico? Nesta cidade correm, a este respeito, boatos estranhos.

Em 3 de abril do ano corrente o «Girl-Pat», chalupa matriculada no porto de Grimsby, tocou em Dover. O comandante foi a terra e, quando pretendia regressar ao seu barco, descobriu que este havia partido. Desde então até 4.ª feira passada, nunca mais os proprietarios do barco tiveram noticias do paradeiro deste. Antontem alguém os informou de que o «Girl-Pat» estivera algumas horas num porto espanhol. Depois levantou ferro e voltou a desaparecer misteriosamente, sem que os seus tripulantes chegassem a fazer as declarações regulamentares ás autoridades do referido porto. Parece pois que a tripulação se apossou do navio e é muito natural que o Almirantado o venha a considerar como «navio pirata», caso que se não regista ha um seculo. Se o barco fôr declarado «corsario» qualquer navio britânico tem o dever de se apoderar dele.—(Havas).

Mundano

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Tereza Valdez Pinto da Cunha, D. Maria Madalena Lopes de Brion, D. Maria Margarida Galvão Mexia de Bramão, D. Gabriela de Sampaio de Carvalhosa Van Zeller, D. Isabel Maria da Costa Sousa de Macedo Gentil, D. Maria de Almeida de Eça Pimentel, D. Jeronima da Camara Berquó, D. Maria Cristina Bandeira de Melo Gonçalves Aires de Azevedo, D. Maria Cecilia Sepúlveda Souto Palmeirim, e D. Josefa Henriqueta Tereza Maria de Lourdes Duff de Portugal e Castro.

UMA FESTA DO SEculo XIX

Domingo, 17 no Palacio Foz

Riqueza, Luxo, esplendor. Ouro, incenso e luz.

Um sexteto de instrumentos de corda interpreta romanticamente uma gavote, a seguir uma valsa, depois uma mazurca, um galope, uma quadrilha... Os musicos, senhoras e homens, são artistas celebres da época. Os seus trajes de fino recorte indicam abastança. Um lindo par de jovens enamorados, dansarinos aristocraticos, ricamente vestidos por Luiz XVI, dançam suavemente, lindamente, uma gavote, um minuet. Criados de ricas libré, hirtos, sonham as grandes das seus donos palacianos.

Corredores marmóreos de figuras mitológicas escadarias de pedra com floreiras de bronze, colunas altas de bases cor de ouro, baixos relevos de figuras estáticas, escudos e brasões incrustados em paredes douradas, altos tectos relevados de ouro cercando pinturas a óleo... riqueza, luxo, esplendor...

Um sonho... um sonho... Gente do século XX presença essa maravilhosa reconstituição, e dança, dança, transportada pelo ambiente, as valsas, as polcas, as quadrilhas, toda a dança do século XIX.

E' esta a grande festa que Anibal Contreiras proporciona, no próximo domingo, aos seus convidados, no salão nobre do Palacio Foz, das 17 às 19, seguida de «chá dansante», no salão restaurante, com danças do século XX em que a notável compositora, D. Manuela de Meneses Bonito apresentará uma encantadora surpresa.

O trajo da assistencia para esta tarde é de passeio e todas as informações podem ser prestadas, das 11 às 19, pelo telefone 2 6222. Os preços são os de sabado, dia em que se realiza a costumada «matinée» elegante de rendez-vous mundano.

FESTA DE HOMENAGEM

Realiza-se amanhã de tarde no Capitolio uma festa de homenagem á novel actrizinha Maria Isabel de Carvalho, para a qual foi elaborado um sensacional programa do qual fazem parte os seguintes numeros: «Bones de Sevrés», dialogo de Julio Dantas, «Anecdota», de Marcelino Mesquita, havendo tambem um acto de variedades, em que tomam parte varios artistas dos nossos theatros, terminando a festa por baile, que será abrilhantado pela orquestra privativa do Capitolio.

Os poucos bilhetes que restam para esta festa estão á venda no camaroteiro do salão.

Homenagem aos advogados portugueses

Foi recebido pelo sr. ministro da Justiça o dr. Mario Monteiro, que regressou ultimamente do Brasil, onde foi alvo de varias homenagens.

No seu regresso a Portugal, foi-lhe confiado a seguinte mensagem, que ele entregou ao sr. ministro da Justiça:

RIO DE JANEIRO, 11 de Março de 1936—Aos advogados de Portugal:—«A Directoria do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, aproveitando a feliz oportunidade da passagem por esta capital, de volta á Metropole lusitana, do illustre advogado português sr. dr. Mario Monteiro, que teve o gesto nobilitante de requerer á Ordem dos Advogados de Lisboa assistencia, não só moral como material, para dignos juristas brasileiros, que ali aportavam exilados, enviá aos nobres causidicos de além-mar as mais vivas e corajais saudações, reiterando os seus agradecimentos pela fidalga acolhida áqueles dispensada e fazendo os mais ardentes votos para uma mais íntima e mais intensa confraternização dos nossos Povos, em prol dos sagrados ideais da Justiça da Liberdade e da Paz.—Eduardo de Miranda Jordão—presidente—Alvaro de Sousa Macedo 1.º Secretario.

«Ligue d'Union Latine»

Com a medalha de «L'Ordre Latine» foram agraciados a notável cantora Izaura Garriga, que tanto successo alcançou ultimamente em Paris, e o poeta-comendador João Maria Ferreira.

"BOX"

DEPOIS DE UMA ESPLENDIDA SESSÃO

Cinco minutos de palestra com um dos organizadores da Empresa Pugilistica Progreso

Nunca em Portugal uma sessão de box reuniu tantos motivos de agrado como a que no passado domingo se realizou no Campo Pequeno organizada pela Empresa Pugilistica Progreso.

As pessoas que tiveram a oportunidade de assistir á memorável reunião e á propria critica portuguesa, sempre exigente, prestaram ao grandioso espectáculo justos e incondicionais aplausos.

O exito desportivo da sessão excedeu tudo que poderia prever-se e o combate realizado entre os dois campeões de Portugal e Espanha Antonio Rodrigues e Martinez Alfara, fica nos annals do «boxing» nacional como o melhor até hoje realizado e visto por desportistas portugueses.

A E. P. P. merece pelo honesto e belo espectáculo que proporcionou ao publico—de resto tem sido sempre esse o seu intento—os maiores elogios.

Por se tratar de uma Empresa que tem organizado os melhores combates de pugilismo em Portugal, contribuindo grandemente para o desenvolvimento do emotivo desporto dos punhos, não obstante os pesados encargos grandes sacrificios que lhe acarreta e porque sabemos que o publico aguarda impaciente os espectáculos iguais ao do ultimo domingo, procuramos um dos organizadores para nos dizer o que se prepara para o futuro para podermos assim informar os nossos leitores.

A primeira pergunta sobre o successo da ultima sessão o nosos amavel interlocutor diz-nos:

—Estamos satisfeitos com a nossa consciencia e não obstante os sacrificios que fizemos e os pesados encargos que nos trouxe a ultima reunião, o exito desportivo e o aplauso e os incitamentos do publico animaram-nos a prosseguir.

—O exito financeiro?...

A ligação de Vila Franca á margem esquerda do Tejo

Foi nomeada uma comissão, composta pelos srs. engenheiros Jorge de Oliveira Moreira, Pedro Botelho Neves, Abel Noronha de Andrade e João Alberto Carmona para estudar as condições em que deve ser estabelecida a ligação da rede de estradas nacionais nas duas margens do Tejo, entre Vila Franca e o Cabo, independentemente da projectada ponte entre o Beato e o Montijo.

CAMARA CORPORATIVA

Na Camara Corporativa estão convocadas para a proxima segunda-feira, 18, ás 15 e 30, as secções 11, 13 e 19, para discussão do parecer acerca da proposta de lei n.º 12, relativa á importação e destilação de petroleos em bruto e seus derivados. Espera-se que a esta reunião assista o sr. ministro do Comercio.

Na mesma Camara reúne na terça-feira, 19, ás 14 e 20, a comissão de estudo da sua remodelação.

GREMIOS REGIONALISTAS

E' amanhã que se realiza no Gremio de Trás os Montes a Festa da Primavera. A noite haverá baile, para o qual é esperada grande concorrencia.

—No proximo domingo realiza-se uma tarde minhota na Casa de Entre Douro e Minho.

Juramento de bandeira

No proximo domingo, ás 20 e 30, realiza-se no regimento de infantaria 1 a ratificação do juramento de bandeira pelos recrutas, estando organizado para esse fim um interessante programa de festas.

Legação do Mexico

A Legação do Mexico fica instalada, a partir de amanhã, na rua Marquês de Sa da Bandeira, telefone 4 3868.

Legação do Mexico

A Legação do Mexico fica instalada, a partir de amanhã, na rua Marquês de Sa da Bandeira, telefone 4 3868.

Legação do Mexico

A Legação do Mexico fica instalada, a partir de amanhã, na rua Marquês de Sa da Bandeira, telefone 4 3868.

Legação do Mexico

A Legação do Mexico fica instalada, a partir de amanhã, na rua Marquês de Sa da Bandeira, telefone 4 3868.

Legação do Mexico

A Legação do Mexico fica instalada, a partir de amanhã, na rua Marquês de Sa da Bandeira, telefone 4 3868.

—Nem falar nisso é bom. A acumulação de espectáculos desportivos realizados nesse dia tiraram á nossa reunião muito do successo que poderia e mereceria ter, para compensar o enorme orçamento do espectáculo.

Resta-nos, porém, a consolação de que o publico, mesmo o que não assistiu e que está arrependido pelo que lhe disseram da notável reunião, elogiou sincera e espontaneamente o nosso esforço e o dos valorosos profissionais que pisaram o «ring» do Campo Pequeno, entre os quais é justo salientar esse rapaz que é campeão de Portugal dos meios-pesados e que é o mais notável «boxeur» português de todos os tempos: Antonio Rodrigues, e o extraordinario campeão espanhol Martinez de Alfara.

—Porque não organizam os senhores novo espectáculo com Rodrigues e Alfara, para proporcionar a todos os desportistas e aos que não tiveram ocasião de assistir á grandiosa luta, a oportunidade de ver os dois grandes pugilistas novamente em acção?

—São enormes os encargos que nos acarretam as nossas organizações principalmente as que incluem homens do valor dos que contratamos. O publico, que nos acarinha e reconhece as serias e honestas intenções, merece que lhe proporcionemos tudo.

Temos em projecto um grandioso espectáculo, possivelmente para o dia 31 do corrente, e essa hipótese não está posta de parte.

«Vamos ver o que se arranja. Do que temos a certeza é que o publico vai ter outra sessão de grande envergadura e de que vai gostar.

—Então para quando novidades para o grande publico?

—Tão rapidamente quanto possível informaremos do que tencionamos levar a efeito. Fique certo, porém, que se prepara outra sensacional sessão para o dia 31 de maio.

UMA RIFA A FAVOR

da Casa de Protecção e Amparo de Santo Antonio

Está em exposição no «foyer» do Tivoli um frigorifico «Stuart Warner» que será rifado pela lotaria de Santo Antonio, a favor da Casa de Protecção e Amparo que tem o nome daquele santo popular. Cada bilhete contém cinco numeros, custando apenas 7850. A venda de bilhetes para o sorteo do excelente e moderno frigorifico faz-se não só naquelle cinema, mas na casa Eduardo Martins, na rua Garrett, e na casa Maury, na rua do Ouro.

Sindicato dos Caixeiros

No proximo dia 20 realiza-se, ás 21 e 30, uma grande sessão solene comemorativa do 2.º aniversario do Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa.

A sessão será presidida por um membro do governo e nela falarão varios oradores dos meios corporativos como representantes de Sindicatos Nacionais e dos Gremios.

PUBLICAÇÕES

«O Volante»

Acaba de publicar-se o n.º 366 da conhecida revista de automobilismo e turismo «O Volante», que insere artigos do maior interesse e oportunidade, bem como as suas habituais secções de Ecos e Comentarios, notas e apontamentos, «magazines», noticiario do estrangeiro, etc.

Boas novas

No gabinete da Imprensa, do Torel, foi recebido um radio de bordo do vapor «Mousinho», em que os passageiros participam que seguem bem a saudação ás suas familias e amigos.

NOTÍCIAS DO TOREL

CIRCULAÇÃO DE MOEDA FALSA—Ultimamente tem aparecido em circulação grande numero de moedas falsas de 5 e 10 escudos.

O chefe Pereira dos Santos, a quem o caso foi participado, juntamente com o agente Eloy, vai averiguar quem são os individuos que entram nos estabelecimentos a fazer pequenas compras e dão em pagamento moedas falsas.

Algumas destas já foram apreendidas e vão ser enviadas ao Instituto de Medicina Legal a fim de serem examinadas.

EMPREGADO INFIEL—Recolheu aos cabalheiros do Torel Joaquim Castanheira, empregado do sr. Carlos Palva, comerciante de peixe na Ribeira Nova, que, incumbido, pelo patrão de receber varias quantias, gastou em seu proveito 1.752 escudos, e não prestou contas ainda de outras pequenas importancias.

CASO A AVERIGUAR—A sr.ª D. Rosaria de Jesus Marques, moradora no largo dos Martires, 26, loja, apresentou queixa contra um individuo cujo nome indicou, por este a ter convencido a levar para sua casa uma irmã da queixosa, que tem 83 anos, e que já esteve por duas vezes internada no Manicomio Bombarda.

A queixosa diz que o referido individuo mantém a sua irmã em carcere privado, e já vendeu um prelo que lhe pertencia por 40 contos.

Acrescenta que ele lhe ficou ainda com outras importancias.

O agente Sequeira foi encarregado de proceder á investigações sobre este caso.

HOSPEDE GATUNO—Foi preso Abel Joaquim Gonçalves, hospede da sr.ª Angelina da Silva, residente na rua do Terreirinho, 13, 3.º, direito que, aproveitando a ausencia daquela senhora, lhe furtou objectos e roupas cujo valor ignora.

UM FURTO DE 2.500 ESCUDOS—O sr. José Antunes, morador no Montijo, queixou-se contra um individuo que acusa de lhe ter furtado a quantia de 2.500 escudos.

AMEAÇAS DE MORTE—A sr.ª D. Margarida do Carmo Saraiva, com residencia na rua de S. Paulo, 55, 3.º, queixou-se contra umas mulheres, que há dias a perseguem e a ameaçam de morte. Afirmou ainda que as referidas mulheres já chegaram a agredila.

ABUSO DE CONFIANÇA—A sr.ª D. Maria Berta Castelo Branco, moradora na rua Castelo Branco Saraiva, 81, queixou-se contra um seu criado, que lhe furtou um pequeno cofre com dinheiro, cuja totalidade ignora, e uma porção de roupas e desapareceu em seguida.

O FESTIVAL DO CAMPO GRANDE

a favor das vítimas das inundações do Ribatejo

Faltam duas semanas para que o publico de Lisboa possa assistir ao sensacional e emocionante espectáculo que as senhoras D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, D. Leopoldina Perestrelo, D. Maria da Costa Macedo (Estarreja), D. Eugénia e D. Isabel de Almeida (Lavrado), D. Marta Lima Mayer Pina, D. Leonor Daun e Lorena (Pombal), D. Tereza de Melo Ulrich e D. Maria de Lima Ulrich, com a colaboração de illustres oficiais do Exército e da Guarda Republicana, dirigentes da Sociedade Hípica e lavradores, estão organizando, a favor das vítimas das inundações do Ribatejo.

Dificilmente se poderá organizar um programa como o do festival do dia 31, onde se poderão apreciar, simultaneamente, um concerto pela esplendida banda da G. N. R. interessantes e variados exercicios hípicas pelos soldados da Escola Pratica de Cavalaria de Torres Novas e da Cavalaria da Guarda, um desafio de «hinder-polo» e a derriba por acção de rezes ribatejanas, a cargo de aristocratas de Sevilha e Badajoz que são notáveis «garrochistas». E isto explica o enorme interesse que existe por esta festa que vai certamente constituir o grande espectáculo desta Primavera.

Um campo de aviação no Algarve

OLHÃO, 15. (Pelo telefone).—Conforme se esperava, chegaram hoje ao Campo da Meia Legua, pelas 12 e 50, dois aviões «Potez» do Grupo de Bombardeamento de Alverca, donde saíram ás 11 e 20 para cooperar nos exercicios do Corpo do Estado Maior que se estão a realizar no Algarve.

O aparelho n.º 269 era conduzido pelo capitão Giraço, e o n.º 302 pelo capitão Antonio Augusto David, trazendo como tripulante o capitão Rogerio Ferreira, actual governador civil do Algarve.

Após varias evoluções sobre Faro e Olhão os «Potez» aterraram normalmente. Os aviadores foram acolhidos com salvas de palmas e entre grande alegria das centenas de pessoas que acorreram ao local.

A' venda nas livrarias a 5.ª edição

RECORDAÇÕES E VIAGENS

de ANTERO de FIGUEIREDO

1 vol. de 324 pag. broc. Esc. 12\$00; pelo correio, á cobrança. Esc. 14\$00

Pedidos á Livraria BERTRAND—Rua Garrett, 73—Lisboa

CONSTANTINO
★★★★★
AGUARDENTE
VELHISSIMA DO DOURO

ESTRANGEIRO

TUDO O MUNDO
Vende gravatas, mas as da CASA
DAS GRAVATAS são as preferidas
pelas pessoas de bom gosto.
121, RUA DO OURO, 121

NOTÍCIAS DO BRASIL

Morte duma benemerita

RIO DE JANEIRO, 15.—Faleceu Helena Zerrener, viúva do fundador da Companhia Antártica Paulista e da Companhia Cafeeira de S. Paulo. Deixou 30.000 contos para a fundação de uma instituição filantrópica naquele Estado.—(Americana).

A abolição da escravatura

RIO DE JANEIRO, 15.—Foi festejado o aniversário da abolição da escravatura, glória que pertence à princesa D. Isabel.—(Americana).

O aniversário da fundação da Polícia

RIO DE JANEIRO, 15.—A Polícia Militar adiou para o dia 24, por motivo do barbaço assassinio do coronel Castelo Branco, o 124.º aniversário da sua fundação. Aquele corpo foi criado em maio de 1809, por D. João VI, sob o nome de Divisão Militar da Guarda Real da Polícia e com o efectivo de 218 homens, distribuídos em quatro companhias, três de infantaria e uma de cavalaria.—(Americana).

A inconfidência cometida

acréscimo do orçamento britânico

LONDRES, 15.—No inquerito judicial, que se está a fazer acréscimo da inconfidência cometida a respeito do orçamento do Estado, sobre o qual se deve guardar absoluto segredo até ser apresentado ao Parlamento, a testemunha H. R. Marriott declarou ontem ter recebido informações relativas ao imposto de rendimento dum seu amigo Waterton, que por sua vez as obtivera dum indivíduo de nome Eves, que as alcançara duma pessoa amiga de J. H. Thomas.—(Havas).

39 crianças mortas

por terem comido pasteis envenenados

TOQUIO, 15.—Por terem comido pasteis envenenados numa festa infantil, que se realizou na região de Nagaya, morreram 39 crianças e encontram-se mais de mil em estado grave.—(Americana).

O casamento civil na Bulgaria

SOFIA, 15.—O conselho de ministros preparou uma lei instituindo o casamento civil. O clero mostra-se indignado e resolveu protestar contra ela. O arcebispo foi recebido ontem pelo rei a quem entregou a resolução aprovada, a respeito da referida lei, pelo Santo Sínodo.—(Havas).

Proezas de aviação

LONDRES, 15.—A aviadora Amy Molisson, vinda da Cidade do Cabo, aterrou no aeródromo de Croydon às 13 e 36.—(Havas).

FÓRA
com as pulgas
e baratas

PÓS DE KEATING
MAS TEM DE SER KEATING

Quer a sorte grande?
Habita-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Cassiano Neves CLÍNICA MEDICA
CONSULTÓRIO
Praça de Camões, 6, 1.º—Consultas às 16 horas

NO EXTREMO ORIENTE

Desapareceu o perigo comunista em Chan-Si

PEQUIM, 15.—A lei marcial acaba de ser suprimida em Chan-Si. Considera-se pois terminado o perigo comunista naquela província. De origem chinesa informam que chegaram mais 2.500 soldados japoneses à China do Norte. O adido militar japonês declara que os reforços vêm simplesmente assegurar a protecção dos haveres e propriedades japonesas.—(Havas).

Vão ser aumentadas as guarnições japonesas

TOQUIO, 15.—Informa a «Domei»: O ministro da Guerra anunciou que os efectivos das guarnições japonesas vão ser reforçados de maneira suficiente, a fim de poderem responder às necessidades da actual situação. O ministro frisou que até agora as tropas japonesas eram em numero restrito se bem que o numero de subditos japoneses no norte da China aumentasse consideravelmente. Expressou também uma grande inquietação devido aos progressos feitos pelo comunismo e pela agitação anti-japonesa na China do norte.—(Havas).

O centenário da Austrália do Sul

vai ser comemorado

com uma grande corrida de aviões

ADELAIDE, maio.—Está-se organizando uma corrida aerea, que começará no dia 16 de dezembro do corrente ano, para comemorar o centenário da fundação da Austrália do Sul.

Os aviões que tomarem parte nesta prova aerea partirão de Bristol (Queensland) e dirigir-se-ão para o sul ao longo da costa até alcançarem Coff-Harbo, a duzentas milhas de distância.

Daqui poderão voar para Sidney, segunda etapa que compreende outras duzentas milhas.

De Sydney seguirão para Junes e em seguida para Melbourne, continuando a corrida para Nhill e terminando em Adelaide.

O percurso total é aproximadamente de mil trezentas e cinquenta milhas. O premio para o avião que atingir maior velocidade será de duzentas e cinquenta libras.

Haverá também um premio de handicap de quinhentas libras, para o vencedor.—(United Press).



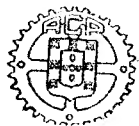
Tomam, algumas vezes, minha mãe por minha irmã. O seu rosto não tem a menor ruga; a pele e a tez poderão facilmente causar inveja a muitas raparigas. Diz que rejuvenesceu de alguns anos graças ao simples e regular emprego do Creme Tokalon, Alimento para a Pele. O Creme Tokalon, Alimento para a Pele, contém "Biocel", extraído de animais novos, e que tem o extraordinário poder de remover uma pele velha e estragada.

No decurso de experiências de nutrição da pele, feitas com Biocel, pelo Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena, as rugas desapareceram inteiramente e notou-se que os músculos flácidos do rosto podiam ser tonificados e carijados. O Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cór de Rosa, fornece-lhe a pele, que alimenta enquanto V. Ex. dorme, o Biocel que lhe restituirá a juventude. De manhã, empregue o Creme Tokalon, Cór Branco, (não gorduroso), para branquear, refrescar e tonificar a sua pele, suprimir os poros dilatados, pontos negros e sardas. Ótimos resultados são garantidos em todos os casos, senão, o dinheiro ser-lhe-á restituído.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva à Agência Tokalon—88, Rua da Assunção, Lisboa—que atende na volta do correio.

Aos socios do Automovel Club de Portugal

Informação n.º 3



O tratamento racional dum automovel pela sua complexidade constitui uma verdadeira "ciencia". Determinado produto lubrificante indicado para determinado órgão mecânico será contra indicado para outra aplicação.

O corpo tecnico da Estação Oficial do A. C. P. "MOTOR PALACIO", selecciona os seus produtos lubrificantes por forma a garantir uma lubrificação verdadeiramente especializada e scientifica.

Fatos a 15\$00, por semana
sem mais aumento, visto ter modificado as suas antigas condições, só na alfaiataria
Lanas, L. da
Praça D. João da Camara, 4-1.º Esq.º
(por cima do Café La Gare) LISBOA

50 CONTOS

é o valor de uma das viagens oferecidas pela Westinghouse aos seus clientes de Portugal.

Consulte imediatamente o agente Westinghouse da sua localidade ou a

HERTZIANA

Rua Augusta, 289—LISBOA

NOTÍCIAS DE ESPANHA

Um «rallye» aereo

MADRID, 15.—Está em preparação um «rallye» aereo, em que tomarão parte 36 avionetas civis, pertencentes a particulares. Oito pilotos largarão de Barcelona, dois de Leon, três de Malaga, dez de Sevilha, quatro de Valencia, seis de Albacete e três de Larache.—(Havas).

Os abalos sísmicos na região de Malaga

MALAGA, 15.—Os frequentes abalos sísmicos que nos ultimos dias se têm registado em diversas partes da provincia causaram grande alarme e pânico entre os habitantes das regiões mais afectadas, compreendidas entre Montejaque e Benaojan. Ha a impressão de que aquela região é extremamente vulcanica, devido aos constantes abalos de terra que nos ultimos tempos ali se registam.

O presidente do Conselho Provincial oficiou a todos os alcaides daquela zona sísmica no sentido de lhe enviarem o mais rapidamente possível pormenores sobre o que se passa, a fim de o habilitar a tomar as precauções que o caso requiere.

O engenheiro geografico, junto do governador civil de Malaga, publicou uma nota sobre o caso, dizendo que se não trata de uma zona vulcanica, como muitos julgam, mas apenas de pedaços de terra á superficie, que procuram encontrar uma posição mais estável.—(United Press).

Grave desastre em Madrid

MADRID, 15.—Perto da Estação do Sul, um camião foi de encontro a um «electrico». Ficaram seis passageiros gravemente feridos.—(Havas).

Um incendio no teatro Vitoria

MADRID, 15.—Devido a um curto circuito, declarou-se um começo de incendio no palco do Teatro Vitoria. O incendio foi rapidamente dominado.—(Havas).

A SITUAÇÃO NA PALESTINA

continua muito tensa

JERUSALEM, 15.—A situação na Palestina continua muito tensa. O alto commissario britânico convocou o Supremo Conselho Árabe e propôs-lhe uma solução para o problema da imigração judaica. Os chefes arabes, porém, depois duma reunião de cinco horas, resolveram não aceitar a proposta.—(Havas).

SEJA EXIGENTE...

Visite «Regina», prodigioso restaurante, diferente de todos os outros, o melhor serviço de almoços e jantares da actualidade, capacidade para 300 pessoas—unico no genero—com salas independentes para banquetes. R. Serpa Pinto, 12. Telef. 2 7817.

Vale-me a pena comprar uma assinatura do caminho de ferro?

Depois de quantas viagens, começaria a viajar de graça?

A C. P. responde-lhe com alguns exemplos:

Assinatura semestral em 2.º classe
Assinatura anual

Percurso	Quantidade de viagens ida e volta necessária para compensar o custo da assinatura
Lisboa - 15 Km. - Queluz	10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 110
Porto - 26 Km. - Espinho	10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 110
Lisboa - 37 Km. - V. Franca	10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 110
Porto - 70 Km. - Aveiro	10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 110
Lisboa - 81 Km. - Santarém	10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 110
Porto - 127 Km. - Coimbra	10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 110
Lisboa - 349 Km. - Porto	10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 110

Dirija-se a qualquer estação ou ao Serviço do Tráfego da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses Santa Apolonia—Lisboa—Tel. 2 4031.

HOTEL MIRAMAR
MONTE ESTORIL
Hotel Costa.—CINTRA

ULTIMAS NOTICIAS

Queira V. Ex.^a pedir orçamentos para Mobiliário e Decorações
MAURICIO
Rua Augusta, 240-1.º
LISBOA Telef. 2 8229

O Japão não está disposto a renunciar aos seus mandatos coloniais

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

TOQUIO, 15.—Informa a «Domei»: Arita declarou na Câmara dos Representantes que o Japão está firmemente decidido a não renunciar aos direitos que adquiriu pelos mandatos que lhe foram confiados sobre varias ilhas do Pacifico e que não modificará nunca o seu ponto de vista a esse respeito, apesar de todas as considerações e argumentos que possam ser apresentados.—(Havas).

A acção britânica durante a ultima crise austriaca

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

LONDRES, 15.—Confirma-se nos meios autorizados que o ministro da Gran Bretanha em Viena efectuou uma diligencia amistosa junto do ministro dos Negocios Estrangeiros austriaco, em 12 do corrente, chamando a sua atenção para as repercussões que poderia ter no estrangeiro uma visita de Starhemberg a Mussolini por ocasião da vitoria italiana na Etiopia.—(Havas).

A Guatemala abandonou a S. D. N.

GENEVA, 15.—A Republica de Guatemala pediu a demissão de membro da S. D. N.—(Havas).

A defesa contra gases na Africa do Sul

CIDADE DO CABO, 15.—O Ministro da Defesa, Pirow, declarou na Câmara que tomara as necessarias providencias para o fabrico e armazenagem na União, de mascaras contra gases asfixiantes do tipo mais aperfeiçoado.—(Havas).

Foram encontrados quatro aviões do Negus

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

ROMA, 15.—O «Popolo di Roma» informa que foram encontrados perto de Addis-Abeba, quatro aviões pertencentes ao Negus. Um deles tinha sido oferecido ao Imperador pelo governo italiano.—(Havas).

Movimentos da esquadra britânica

GIBRALTAR, 15.—Em consequencia de ter aqui chegado a 5.ª flotilha de contra-torpedeiros ingleses, a 20.ª flotilha saiu hoje para o mar, a fim de se juntar á esquadra do Mediterraneo.—(United Press).

A POLITICA FRANCESA

Prognosticos acerca do elenco do novo governo

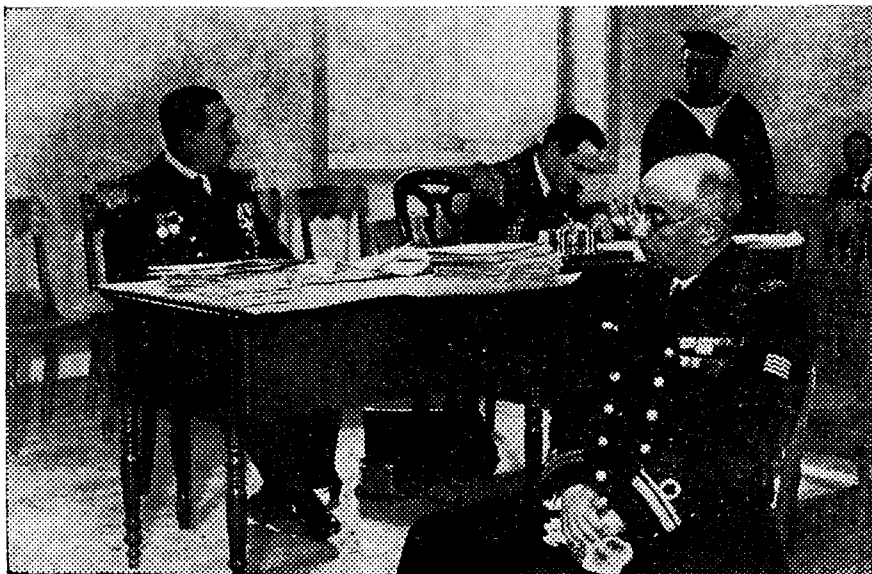
PARIS, 15.—Apesar do desmentido previo de Léon Blum a todas as informações relativas á futura constituição governamental, os jornais, reproduzindo os boatos que circulam nos corredores do Parlamento, dão já os elencos que, de resto, não são identicos. A titulo de registo vamos reproduzir nas suas linhas gerais a do «Petit Parisien», que aliás a publica sob todas as reservas: o partido socialista ficaria com sete pastas e daria outras sete aos radicais-socialistas e duas á União Socialista e Republicana. As pastas confiadas aos radicais-socialistas seriam: Justiça e vice-presidencia, Steeg; Estrangeiros, Herriot ou Chautemps; Marinha, Sarraut; Guerra, Daladier; Aeronautica, Pierre Cot, e as pastas do Comercio e Orçamento.

Quanto aos socialistas, Léon Blum assumiria a presidencia sem pasta; Vincent Auriot, será ministro das Finanças; Salengro, ministro do Interior, e ficariam ainda com as pastas do Trabalho, Obras Publicas e talvez Colonias.

Relativamente á União Socialista e Republicana, Paul Boncour será ministro de Estado, encarregado da S. D. N., e De Monzio, ministro da Educação Nacional.—(Havas).

NO TRIBUNAL DE MARINHA

O comandante do «Patrão Lopes» está a ser julgado em conselho de guerra



O comandante Monteiro de Barros perante o Tribunal de Marinha

No Tribunal de Marinha foi hoje julgado o capitão-tenente Monteiro de Barros, que comandava o navio de salvaguarda «Patrão Lopes», quando este barco encalhou e se perdeu ha tempo nos baixos do Bugio.

A categoria militar do réu e as circunstancias em que se deu o sinistro, levaram ao Tribunal de Marinha um publico numeroso, entre o qual se viam alguns dos officiaes mais prestigiosos da Armada e numerosas senhoras.

A's 13 e 10 abriu a audiencia, presidindo o capitão de mar e guerra Azevedo Franco, ladeado pelo capitão de fragata Palma Lamy e pelo juiz-auditor dr. Correia Baptista. Promotor de justiça o capitão de fragata Vital da Cunha Freitas. Defensor capitão-tenente deputado Freitas Morna. Defensor officioso, 1.º tenente Eduardo Scarlatti.

Entre as testemunhas de defesa, estão três antigos ministros da Marinha: os almirantes Pereira da Silva e J. Freixo, e o comandante Mesquita Guimarães. As restantes testemunhas são: almirante Afonso Cerqueira, comandantes Fernandes Lopes, Botelho de Sousa e Alvaro Marta, e algumas praças da Armada.

Aberta a audiencia, o secretario do tribunal, 1.º tenente Germano Adelino Fins, procede á chamada das testemunhas, e depois lê o libelo accusatorio, no qual se diz que o navio «Patrão Lopes» encalhou e se perdeu por negligencia do comandante. O secretario lê então a longa lista de condecorações e louvores do réu, leitura que consome meia hora, e que impressionou profundamente o tribunal.

Entre os louvores figuram alguns por serviços durante a Grande Guerra e mais tarde, em defesa da Republi-

ca, por ocasião do movimento monarquico do Norte. Os restantes louvores são quasi todos por serviços de salvamento de navios, vidas e haveres, em circunstancias dificeis.

O réu apresenta-se com as suas condecorações; não ostenta apenas a medalha de Coragem, Abnegação e Humanidade, que recebeu por muitos serviços brilhantes de salvamento.

Finda a leitura, o presidente perguntou ao réu se deseja fazer declarações. Este levanta-se e diz que delega a sua defesa no seu defensor, e não deseja fazer qualquer declaração. Em seguida o sr. comandante Freitas Morna lê a contestação da defesa, na qual se diz que não houve, nem podia haver negligencia, da parte dum homem com a folha militar do réu; que foi um estoque de aguas que, irresistivelmente, levou o navio para o baixo onde encalhou. O réu fez tudo para o salvar, e que o «Patrão Lopes» se perdeu por falta de assistencia, depois do sinistro.

E' chamada então a primeira testemunha de accusação, por lei o immediato do réu, o 1.º tenente Soares de Melo. O seu importante depoimento, no qual descreveu as circunstancias em que ocorreu o sinistro, durou mais duma hora. Acerca da falta de assistencia ao navio encalhado, a testemunha declarou que de facto houve um momento em que o «Patrão Lopes» chegou a flutuar sobre o baixo, ocasião em que teria sido possivel safá-lo, e o rebocador da Administração do Porto de Lisboa, «Cabo Raso», que estava a pairar ao largo, não tivesse demorado tanto o estabelecimento dos cabos de reboque.

A testemunha foi instada pelo promotor de justiça e pelo defensor, constituindo o seu depoimento, não

uma accusação, mas sim uma defesa do réu, como teve ocasião de acentuar no final da sua instancia o comandante sr. Freitas Morna.

Depuzeram a seguir o 2.º tenente-maquinhista Gomes de Almeida, sargento-ajudante José de Figueiredo, o marinheiro Martinho Trindade e o cabo de Pilotos da Barra José Lopes, os quais, apesar da sua situação de testemunha de accusação, fizeram depoimentos que patenteiam uma serenidade e sacrificio que constitui a verdadeira defesa do comandante Monteiro de Barros.

Foram depois requeridas as testemunhas abonatorias, entrando na sala em primeiro lugar o sr. vice-almirante Jaime Afreixo, que fez a defesa calorosa do réu num depoimento em que apontou muitos serviços prestados pelo comandante Barros. A terminar o seu depoimento o antigo ministro da Marinha afirmou: «Fiquei assombrado ao saber que o «Patrão Lopes» tinha encalhado na barra, comandado pelo Monteiro de Barros, e fiquei assombrado porque o réu que se senta perante este tribunal é alguém, é do melhor que ha na Marinha.

Quem perdeu o «Patrão Lopes» não foi ele. Foi uma assistencia negativa e enganosa que teve. Ha que construir um novo «Patrão Lopes» e que entregar o comando desse barco ao réu que está hoje neste tribunal».

Depois a seguir o sr. almirante Pereira da Silva, que referiu varios episodios da vida do réu, entre os quais se patenteia o seu alto valor militar. Terminou dizendo: «E' impossivel uma negligencia num homem duma tão alta categoria profissional e moral».

Entrou depois na sala para depôr o sr. contra-almirante Afonso Cerqueira, a quem o defensor classificou «de heroico comandante de Monsanto e das campanhas coloniais».

Debaixo duma grande comoção, o sr. almirante Afonso de Cerqueira fez o elogio caloroso do réu e terminou com estas palavras: «Só não encalha quem não navega».

Depuzeram a seguir os srs. capitão de mar e guerra Fernandes Lopes, capitães de fragata Botelho de Sousa, Alvaro Marta, capitão-tenente Mesquita Guimarães e 1.º tenente Acurcio Araujo os quais foram unanimes em reconhecer a impossibilidade de uma negligencia da parte do réu e em testemunhar largamente os muitos serviços que prestou ao país, e bastantes vezes com grande economia para o Estado.

Depuzeram depois as testemunhas propriamente de defesa e que eram o sargento Rosa Freitas, os cabos Cardoso e Tiago, e o patrão Lopes Martins, do salva-vidas «Almirante Castilho», de Paço de Arcos, os quais apresentaram ao tribunal, através dos seus relatos, a forma como o comandante Monteiro de Barros trabalhou antes e depois do sinistro, sempre com grande sangue frio e revelando as suas grandes qualidades de marinheiro.

A's 16 e 45 iniciaram-se os debates, devendo a sentença ser proferida ainda hoje.

A impressão no tribunal é a de que o réu será absolvido.

Distribuição de terras

pelos camponeses do Paraguay

ASSUNÇÃO, 15.—O Presidente Franco distribuiu sessenta mil lotes de terreno por grande numero de camponeses. O Presidente Franco discursando no primeiro congresso dos combatentes da guerra do Chaco, declarou que nem a anarquia nem a reacção lograrão triunfar no país.—(U. P.)

Como na Baviera

é em canecas de barro cinzento, que é servida a magnifica cerveja, na «Marisqueira», rua dos Fanqueiros, 66

CAFÉ NICOLA Inaugurou um novo serviço de pequenos almoços igual ao que de melhor se encontra no estrangeiro. Pequenos almoços mais apetitosos, com compota de fruta.

Tambem o Café Nicola serve presentemente a melhor cerveja, tirada pelo processo mais moderno a temperatura e pressão constantes.

MAXIM'S HOJE — Sexta-feira, 15
DEBUTE DE CARMEN MONTAÑO
«Vedette» do baile espanhol
Em pleno sucesso: **POLITA BEDRÓS**
BELA BAILARINA ESPANHOLA

Maneiras de vestir

A propósito de uma palestra feita ao microfone da Emissora Nacional, pela sr.^a D. Maria Luíza Teixeira, recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta, que lhe é dirigida:

«Minha Senhora:—Por acaso, lendo o «Diário de Lisboa», caí-me hoje sob os olhos a palestra proferida por V. Ex.^{cia} no microfone da «Emissora Nacional», na qual V. Ex.^{cia} começa por responder às acusações feitas por uma radiófila.

Vejo por isso que V. Ex.^{cia} não é pessoa que se melindre com os reparos dos seus ouvintes.

Como não possuo aparelho de telefonia, não posso incluir-me nesse numero, mas isso não impede que eu venha trazer a V. Ex.^{cia} se me permite, como creio— a minha opinião sobre um ponto da sua interessante palestra.

Diz V. Ex.^{cia}, sobre a maneira, como a mulher portuguesa se veste para ir ao teatro:

«Porque não há de pôr um vestidinho de noite dando assim a nota apropriada e agradável da elegância?»

Sim minha senhora, concordo. Mas, se era infinitamente mais elegante, era também... infinitamente desagradável.

—Porquê, perguntará V. Ex.^{cia}?

Porque, em todas nós mulheres, mesmo naquelas—e tão raras hoje são—mais desprezadas de vaidades, há sempre o desejo, não digo de suplantar as nossas semelhantes, mas de não nos sentirmos ofuscadas por elas.

Não é inveja minha senhora. É um sentimento muito compreensível, e muito humano.

E por isso, se a campanha que V. Ex.^{cia} sugere se efectuar, nós, aquelas que pela modestia do seu orçamento não se podem permitir o luxo de um vestido de noite, acabaremos por deixar de frequentar um espectáculo, que às vezes é a vivida compensação de muitos dias de trabalho e sacrifício, para não nos sentirmos humilhadas.

Nem sempre quem tem dinheiro para ir a um teatro, o tem para um vestido de noite, que, por muito modesto que seja, é o custo de uns poucos de espectáculos.

E na época que atravessamos, onde nem sempre impera a moralidade que seria para desejar, a ideia de V. Ex.^{cia} era talvez uma fonte de desarmonia em muitos lares.

Porque V. Ex.^{cia} bem sabe, se como creio tem o verdadeiro conhecimento da vida, que, se há mulheres que verdadeiramente conscientes dos seus deveres mais sagrados, quando os maridos ou os pais não lhes podem satisfazer um capricho, sabem resignar-se a sorrir, outras há—infelizmente—que pela satisfação de uma vaidade, não hesitam em calçar aos pés a sua dignidade, o seu pudor, a honestidade do nome que usam, para obter por meios inconfessáveis aquilo que lhes não lhe podem dar.

Nem todas podemos ser favorecidas pela fortuna, e assim eu acho preferível a simplicidade do traje com que hoje vamos a um teatro.

As que lá vão para ser admiradas são—na mesma, quer levem um vestido de passeio, ou de noite.

E as outras, as que vão para naquelas horas de tréguas às agruras da vida, ouvir novas forças para a luta, não sentirão o mal estar de ver pregados nelas olhares ironicos, por não ostentarem um vestido elegante.

Fala-lhe alguém que não é uma velha rabugenta,—pois tenho 26 anos e que já ocupou um lugar de destaque na sociedade. Hoje vivo num plano apagado, por uma destas frequentes reviravoltas do Destino. Mas nesse tempo, nunca gostei de humilhar ninguém, e no futuro, quando de novo —assim o espero em Deus—retomar o meu lugar, não o farei também.

E aqui tem minha senhora a minha discordância.

A mulher rica, nas reuniões do seu meio e na sua casa, tem muita ocasião de ostentar um vestido de noite. Não precisa para isso ostentá-lo em lugares onde as suas irmãs menos afortunadas, não podem com elas competir.

E queira V. Ex.^{cia} perdoar a minha ousadia em lhe trazer com tanta franquesa a minha opinião. E não veja V. Ex.^{cia} nisto intuído de a magoar.

Pede-lhe que aceite os seus cordiais cumprimentos a

MISS ENIGMA

Conduite Plymouth

Vende-se, série 29.000, optimo estado. Mostra-se nos dias 14, 15 e 16, das 10 às 12, na garage Antunes, Praça dos Restauradores, n.º 24.

NA ACADEMIA DE BELAS ARTES

O barroco português comentado

pelo dr. José de Figueiredo

O discurso que o sr. dr. José de Figueiredo pronunciou ante-ontem, na sessão da Academia de Belas Artes, de que é ilustre presidente, na apresentação de Eugénio d'Ors, foi, na verdade, uma notável lição de crítica e de história de arte. O sr. dr. José de Figueiredo focou, como era natural, alguns aspectos que dizem respeito à pintura portuguesa. Fê-lo com elegância e uma admirável precisão, demonstrando mais uma vez a sua nobre cultura e a sua apurada sensibilidade.

Eis um dos trechos mais salientes do seu notável discurso:

«Bastaria, na verdade, o seu volume 3 horas em el museu del Prado para provar que D. Eugénio d'Ors pertence a uma especie cada vez mais rara no mundo, a dos cerebrais *doublés* de visuais. Frequente na época do Renascimento com homens como Baltazar de Castiglione, Erasmo e o nosso Damião de Góis, e ainda nos séculos XVII e XVIII, tempos em que, na esteira dos seus reis, os ministros, diplomatas e outras personagens de esferas mais modestas, foram autênticos e fervorosos amigos da arte, esse tipo é hoje infelizmente raríssimo. E nem se encontra mesmo com facilidade entre os autênticos letrados. Raros visitam os museus, e se o fazem é assim quasi sempre no unico fito de sugestões mais ou menos literarias. A obra de arte em si mesmo não lhes diz geralmente nada. Pouquíssimos serão, portanto, os que, como Eugénio d'Ors, serão capazes de consagrar horas sucessivas a essas visitas e muito menos os que, como ele, as repetirão até extrair delas qualquer coisa que possa aproximar-se de tudo o que, como visão e sensibilidade, encerra o pequeno e precioso livro de Eugénio d'Ors.

Sobre o que constitui o tema da comunicação que nos vai fazer D. Eugénio d'Ors, direi que na acção e reacção em que, desde remotos tempos, a rigidez dos *canons* artísticos e a liberdade barroca se alternam e sucedem, há períodos e factos que nós, portugueses, não devemos nunca deixar de procurar por um relevo. Um desses elementos é o determinado pelas influencias orientais. E se o primeiro dos grandes períodos de penetração dessas influencias no Ocidente, o reinado de Alexandre, nada podia ter connosco, não nos sendo já tão alheio o segundo, ou seja o da época das Cruzadas, não se dá o mesmo com o terceiro e ultimo desses períodos, aquele que nós proprios determinámos nos séculos XV e XVI, com a nossa expansão além-mar. Data de então o triunfo do Barroco nos chamados tempos modernos, com a sua maxima expressão: o nosso manuelino. E bastaria isto, como já o escreveu D. Eugénio d'Ors, para anteceder de um século a data até ha pouco dada para o nascimento dessa forma artistica. Na verdade, nenhuma moda-

lidade de estilo, mais do que o manuelino, reúne as características barrocas...

O manuelino não é, de facto, apenas uma modalidade do gotico flamejante, que aliás, pode já ser considerado, até certo ponto, como barroquismo pela independencia que representa no manuelino entram elementos nacionais e exóticos que nada têm, nem com o gotico, que então por toda a parte acaba, nem com o renascimento que, na época, por toda a parte começa. Esses elementos, que são bem do tempo, e alguns deles até elementos utilitarios do momento, são figurados com uma liberdade, forte claro-escuro e efeitos perspectivicos, que tornam o manuelino autentico barroco, mas barroco nosso, isto é barroco que traduz admiravelmente todas as consequências, ainda as mais simples, ou as mais maravilhosas, da prodigiosa aventura que então viviamos.

E o que sucedeu com a arquitectura, aconteceu, até certo ponto, com a pintura. Sem esquecer pormenores, como o esqueço do mendigo figurado no primeiro plano do «Painel dos Pescadores», de Nuno Gonçalves, aliás pintor do essencial como nenhum outro, o nosso Gregório Lopes antecedeu o Breughel-o-Velho nos fundos das suas composições em que se avistam costas maritimas, e antecedeu-o a tal ponto que um painel do pintor português era considerado na recente Exposição Internacional de Arte Antiga, de Bruxelas, como obra de um artista influenciado por aquele flamengo, quando a verdade é que Gregório Lopes precedeu Breughel-o-Velho em algumas dezenas de anos. E facto perturbante, essa influencia de Gregório Lopes, influenciado por sua vez pelos nossos Portulanos do tempo é tanto mais de admitir quanto em pinturas de pura fantasia de Breughel-o-Velho se vêem embarcações com a nossa bandeira. Não me esquecerá nunca a surpresa, ia a dizer o espanto, dos meus illustres colegas, organizadores daquela exposição, em Bruxelas, quando os fiz verificar o facto.

Foi devido a este ambiente que a penetração da arte classica foi tão lenta e tão tardia em Portugal, tendo os architectos que, de fóra, para cá vieram então, de modificar o seu gosto nessa parte. Vasari testemunha-o quando fala de Sansovino, na sua «Vita de piu eccellenti architetti, pittori et scultori», e, anos mais tarde, Francisco de Holanda, nos seus celebres colloquios com Miguel-Angelo, depõe no mesmo sentido. A visão de sonho que tínhamos criado com as nossas aventuras maritimas e de além-mar não podia, de forma alguma, caber nos moldes puros e severos do verdadeiro classicismo. Deste modo em Portugal, o barroco manuelino e o barroco jesuitico quasi se sucedem um ao outro, dando-se, por assim dizer, as mãos».

Excursão á Italia

Um grupo de alunos das Escolas Superiores resolveu levar a efeito, nos meses de agosto e setembro, uma excursão de 15 dias a Italia, com paragens em Palermo, Ragusa (Iugoslavia), Trieste, Veneza, Bolonha, Florença, Roma e Nápoles.

Esta viagem ao país da arte destina-se a estudantes e diplomados com cursos superiores, e tem o patrocínio do Instituto de Cultura.

Os preços da viagem não podem ser mais accessíveis: apenas 1.500\$00 e 1.900\$00, encontrando-se abertas as inscrições no Instituto Italiano de Cultura, na Casa Pinto Bastos & C.^a, Limitada, e no porteiro da Faculdade de Direito.

DE LUTO

José Alves da Cruz

Da sua residencia, Avenida Miguel Bombarda, 21, na Amadora, faleceu hoje o sr. José Alves da Cruz, antigo mestre de estucadores e decorador, muito considerado e estimado pelas suas qualidades de caracter e saber profissional.

O falecido era natural de Moledo do Minho e deixa viuva a sr.^a D. Francisca Natalina Ferreira Pereira da Cruz. O funeral realiza-se amanhã, às 15 horas, da sua residencia para jazigo no cemiterio Oriental.

CHA LI-CUNGO

Qualidade extra fina

Este chá é muito apreciado pelo seu finissimo aroma e delicioso paladar. A venda nos bons estabelecimentos de todo o País.

COMPANHIA DA ZAMBEZIA

ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS

Artigos de Drogeria

ZINALIA
R. Augusta, 180

AUTOMOVEIS SEM CHAUFFEUR

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

DESPORTES

Sporting contra Brentford

Realiza-se depois de amanhã o ultimo encontro de «football» da serie que o Brentford aceitou fazer em Lisboa.

No primeiro desafio, contra a selecção lisboeta, os ingleses conseguiram um empate, mas revelaram-se grandes jogadores, apesar de não se terem empregado a fundo. Na segunda exhibição, contra o Benfica, os ingleses tiveram então, espicados no seu amor proprio, uma boa oportunidade para demonstrarem os primores do seu «association», e quanto valem. Os «vermelhos» tiveram de succumbir, e como resultante disso nasceu um resultado algo pesado.

Cabe agora ao Sporting a honra de defender as cores portuguesas. Se os «leões» perderem—o que é mais natural—os ingleses deixam o nosso país na situação de grandes vencedores. Mas o Sporting tem um grupo que, pelas suas características, pode dar batalha aos ingleses, se não em condições de diminuir ao maximo o resultado.

Não só os adeptos sportinguistas têm os olhos postos no seu clube; os afeiçoados dos outros «teams», também desejam sinceramente que o resultado do proximo domingo seja uma victoria portuguesa.

«Football» entre medicos

No domingo, dia 24, no Campo Grande, amavelmente cedido pela direcção do Sporting, realiza-se um curioso desafio de «football» entre um grupo de conhecidos medicos e outro de estudantes de medicina.

A iniciativa tem um aspecto interessante e de recordação, e um fim altamente simpático.

Aspecto interessante e de recordação, porque da classe médica fazem parte muitos afeiçoados do «football» que o praticaram quando académicos; e fim altamente simpático, porque o produto do festival se destina à Caixa de Previdência dos Médicos Portugueses e à Caixa de Auxilio aos estudantes pobres da Associação da Faculdade de Medicina.

A entrada para este encontro, que se efectuará às 17 horas, será por convites, esperando-se o concurso das familias dos medicos, dos estudantes, e até dos «amadores do bom «football»...

«Nas vésperas dos Jogos Olímpicos», pelo sr. dr. José Pontes

O sr. dr. José Pontes, presidente do Comité Olímpico Português, realiza no proximo dia 19 uma conferencia «Nas vésperas dos Jogos Olímpicos». Ninguém mais autorizado que o conferente para nos falar das Olimpíadas e do ideal que presidiu à renovação dos Jogos Olímpicos. Profundamente conhecedor da materia, orador fluente e persuasivo, a conferencia do sr. dr. José Pontes resultará uma grande jornada de propaganda olimpica. Antes da conferencia será exibido o filme «O sino chama a mocidade», cedido pelo Comité Olímpico Alemão, organizador dos Jogos da XI Olimpíada.

Provas de preparação olimpica

Disputa-se depois de amanhã, a prova contra-relogio «160 kilometros», por «équipes», em segunda mão duma taça oferecida pelo Comité Olímpico. A prova disputa-se no mesmo percurso do ano passado e são permitidos carros de apoio. As «équipes» podem ser compostas por um minimo de 3 corredores e um maximo de 5, e partirão isoladas, com intervalos de cinco minutos.

«Tennis»—«Taça R. Castro Pereira»

Para a 3.^a jornada deste campeonato estão marcados os seguintes encontros, amanhã, às 15 horas:

No Campo Grande, Sporting A entre C. I. F.; e no Estoril, Estoril Parque, Parque Tennis contra C. I. F. Com a victoria do C. I. F. sobre o Estoril fica este clube só com um encontro a disputar contra o Sporting A.

«Taça Pinto Basto»

Para este torneio efectua-se amanhã no Estoril, pelas 15 horas, o encontro Sporting-Estoril P. Tennis, donde sairá o vencedor pois ambos estes clubes venceram o Internacional.

A inscrição de Martin Zikoff, o campeão russo, no campeonato de «Catch as catch can», no Coliseu

É brutal a característica da luta de Martin Zikoff. Aplica toda a classe de ferocidade para conseguir uma victoria. É desleal para evitar a derrota. Venceu o famoso lutador Padoubky, perante uma assistência de 15.000 pessoas, em Moscou. Daí lhe vem o seu titulo de campeão russo.

Foi tão feroz num combate, que os criticos apelidaram-no de «a fera russa». É antipático, maldoso, massacrando o adversario com prazer. Inscreveu-se por intermedio da Federação Americana. Pesa 99 quilos e mede 1m.79.

NOVIDADES LITERARIAS

Um interessante capítulo do romance "O Primo Mario" do general Alexandre Malheiro



GENERAL ALEXANDRE MALHEIRO

O sr. general Alexandre Malheiro é um brilhante romancista, que inteiramente conquistou o agrado do publico, impondo-se á consideração da critica. Fidalguinha da Levada, que obteve um exito invulgar, indo já na segunda edição, marca as qualidades literarias do autor. Uma prosa limpa, de tintas macias, construção exacta de cenas, e figuras bem delineadas, de exacto sentimento português são, porventura, as virtudes primicias do escritor.

Outro livro do sr. general Alexandre Malheiro: O Primo Mario vem enfileirar na biblioteca dos melhores romances nacionais. São paginas convenientes de paizão, marcadas por um estilo que, apesar de simples, se pode considerar perfeito. Embora se trate duma reedição, O Primo Mario vai ler-se com agrado, tanto mais que se trata duma obra sadia, que não deixa de ter um grande interesse novelesco. Com a devida venia, transcrevemos este palpitante lance do romance.

A's oito horas em ponto, com uma infernal algazarra, comêça, de facto, a «pousa», no imenso lagar de Rio Alvo, onde uma verdadeira mole humana se comprimia e acotovelava, doidamente, imersa, num charco de mósto até ás virilhas, se a excessiva profundidade do lagar ou a deficiente estatura do sovador o não afundava um pouco mais ainda.

Na adega prosseguia tambem a faina dos preparativos para o envasilhamento que devia efectuar-se no dia seguinte, ouvindo-se, a espaços, o ruído forte e ressonante de repetidos golpes de marreta sobre o chão, com que um diligente tanoeiro dava um derradeiro aperto na grossa arcaria dos toneis.

—E que tal?...—dissera Berta, para sua irmã, com a qual se dirigia para a sala de jantar, onde seus pais as aguardavam para o chá.

—Uma inferneira!—respondeu Amelia, contrariadíssima.

A's suas horas habituais, porém, tendo-se despedido de suas filhas, o general e D. Constança iam deitar-se.

As duas irmãs conservaram-se ainda, fazendo horas, sentadas uma em frente da outra.

O Vitorino ia levantando de sobre a mesa o serviço de chá, que passava, cautelosamente, para uma ampla bandeja de charão, quando a voz masculina de um sovador, cantando alegremente no lagar, se tornara audível por entre a forte vozaria dos seus companheiros, que, por então, parecera serenar um pouco:

Oh senhora Aninhas,
Repreenda o seu galo,
Ca minha galinha
Tra-lo namorado.

Em desafinado côro, respondiam-lhe todos os mais:

Restau tira tira,
Restau tira tão!
Restau tira tira,
Restau tira tão!

O Vitorino rira, discretamente, e outro tanto fizera Amelia.

—Como é que se ha de hoje dormir nesta casa, não me dirão?—preguntou esta.

—Ai isso, até lá para depois da meia noite, estou em dizer que ha de ser um pouco difficil...—informou o ex-soldado.

—Não faz mal—tornou Amelia, no evidente intuito de desviar suspeitas

—Eu cá é que me não deito, enquanto isto não acabar. Pois não te parece, Berta?

—Acho bem.

—De que serve irmos para a cama, se não poderemos dormir, com semelhante algazarra? E' preferível esperar-se no jardim. Demais a mais, a noite está agradável.

—Lindíssima—acrescentou a outra. Entretanto, prosseguia o lagareiro:

Oh senhora Aninhas,
O seu gato deu
Uma bolachada,
Na cara do meu!

E logo o côro:

Restau tira tira,
Restau tira tão!
Restau tira tira,
Restau tira tão!

Novo ataque de riso do Vitorino que já não foi senão, mediocremente, secundada pelas duas irmãs.

—Aquilo, meninas, é para lhes não chegar o sono...

—Ah, sim?—disse Amelia.

—Já se deixa ver—confirmou o escudeiro—Estes cantadores fazem uma grande conta nos lagares, porque animam os outros. E Deus nos livre que assim não fosse.

—Então?

—Era mau para o patrão que ficava com o lagar mal trabalhado, e para eles que acabam por adormecer, não tardando muito em cair no vinho.

—Sim, tem razão. E agora oiça lá, Vitorino.

—Diga, minha senhora.

—Você, logo que tenha o seu serviço concluido, pode ir deitar-se. Não espere por nós, e diga ás criadas que podem fazer outro tanto.

—Mas se fizer «minga», ás vezes, qualquer coisa?

—Não lhe dê cuidado. Podem deitar-se.

—Sim, minha senhora.

E retirou para a cozinha.

Entretanto os ponteiros da elegante pendula que Amelia tinha na sua frente, caminhavam com uma velocidade prodigiosa.

—Vão a ser horas...

Berta limitára-se a olhar para o relógio.

—Tu ficas de atalaia, é claro—ordenára Amelia.

—Como quizeres.

—Ora em casa, ora no jardim, percebes? De maneira a poderes dar-me um sinal qualquer, se porventura se aproximar algum. Bastará tossires, que eu oiço logo.

—Está bem.

—E agora poderemos descer juntas para o jardim.

Infatigáveis, os lagareiros iam esgotando o seu numeroso repertorio de exóticas modinhas, batendo fortemente com os pés no fundo do lagar, onde tudo naquele momento dansava e batia simultaneamente as palmas, ao compasso de uma alegre toada:

Zóra bate rapariga,
Zóra bate bem no pé,
Canto maillo bates
Mais bonito é.

E repetiam isto muitas vezes, até que um dos do rancho sugeria nova modinha, a que todos se apegavam logo, com entusiasmo.

Agora, Luizinha,
Luizinha, agora,
Tua alma grita
E meu coração chora.

—Enfadonhas criaturas!—murmurava Amelia, sumindo-se, arreliada, pelo tunel que a deveria conduzir ao caramanchão.

Quando ali chegou, já Eduardo a esperava, passeando disfarçadamente, junto á bermá oposta da estrada. Na sua elegante «toilette» côr de rosa pallida, profusamente guarnecida de longas fitas de veludo preto, o airoso vulgo de Amelia, destacára, no ensombreado fundo do caramanchão, como uma suave projecção luminosa.

A sua esbelta figura, avançando na

treva daquele pitoresco recinto, até enquadrar-se no lindo «passe-partout» que em seu torno formavam os cachos das glicínias, assumira aos olhos do apaixonado moço as fantasticas proporções duma sobrenatural visão.

Eduardo teria permanecido indefinidamente em extase, se Amelia, tendo-se debruçado, gentilmente, na janela do caramanchão, lhe não tivesse dirigido, assim, um tácito convite para que se aproximasse.

O deslumbrado moço atravessára a estrada, ainda não inteiramente refeito da estranha impressão que o aparecimento de Amelia lhe havia produzido.

Trocara com esta algumas palavras de cumprimento depois das quais a sua conversa recaira, naturalmente, nessa inesgotável série de crâncices, repetições, risos por nada, inutilidades, frioleiras, que, todavia, na opinião de Vitor Hugo, são tudo o que na vida existe de mais sublime e profundo!

Tirai ao murmuro de dois amantes—diz-nos o sabio perscrutador do coração humano—a melodia que sai da alma e que os acompanha como uma lira; o que resta não é mais do que uma sombra!

E, no entanto, essa sombra, essas bagatelas—acrescenta ele—são as únicas coisas que vale a pena serem ditas e escutadas: o homem que nunca as ouviu ou pronunciou é um imbecil e um mau homem.

—Porque hesitava o senhor em aproximar-se?—preguntára Amelia—Receava alguma coisa?

—Não, Amelia.

—Então porque não veio logo que eu apareci?

—E' que, apesar de a esperar, me deslumbrou a subita irradiação da sua grande beleza. No seu aparecimento, Amelia, houve, para mim, o quer que fosse de celestial visão que me poderia ter levado a curvar o joelho!

—Oh, que loucura! Como se eu fora um anjo, não é verdade?

—Sim, Amelia, e no céu, decerto os não poderá haver mais lindos!

—Basta, meu querido Eduardo; não o supunha assim galanteador. Obrigada. E, ainda bem que a escuridão da noite lhe não permite ver-me corar, o que já é uma vantagem que eu tiro da hora do nosso primeiro encontro, não lhe parece?

—Porque me não trata por tu, Amelia?

—Quere então que seja eu quem principie?... Está bem, pois aí vai:

—Eduardo, amo-te!

—Amelia, adoro-te.

Quasi simultaneamente, puderam eles ouvir a seguinte quadra que, num fado triste, acompanhado de plangentes guitarras, lhes chegára do lagar, onde o avançado da hora, prestes a findar a «pousa», havia acalmado um pouco a primitiva alegria:

Estes primeiros amores
Que na vida toma a gente,
Não sei que doçura têm,
Que duram eternamente!...

—Já tiveste algum namorado, Amelia?

—Não. E tu?

—Tambem não.

—E' verdade: não faltas á romaria da Aparecida, ouviste?

—Não faltarei, Amelia.

—Quem me dera que viesses, por essa ocasião, hospedar-te em nossa casa...

—E' muito cedo ainda para isso.

—E só faltam quinze dias...

—Encontrar-nos-emos no arraial.

Uma linda gatinha branca, tendo penetrado no caramanchão, trepara, dum salto, para o ombro de Amelia que, com grande paciência, costumava permitir-lhe aquelas liberdades.

—Ora, que disparate! Sempre é ser muito indiscreta! Vá-se embora, sua atrevida... já!

—Deixa estar a gatinha—pedira Eduardo.

Esta, porém, já havia descido para o chão.

—Fenícia, bichinha, vem cá.

E o animal trepara, novamente, para o ombro de Amelia, que lho dizia:

—Agradeça aqui a este senhor o ter-

lhe permitido que ficasse. Vá, Fenícia. Você não diz nada?...

—Como? Fenícia?... —inquiriu Eduardo.

—Sim. E' que esta gatinha, juntamente com um irmão dela, foram oferecidos a meu pai, pouco antes de para aqui virmos, por um official de Marinha que lhós trouxe, no regresso duma sua viagem, e foi minha irmã quem os baptizou. O irmão chama-se Rajá.

—Muito bem.

—São muito engraçados, não fazes idéa. Olha, esta até já tem quatro gatinhos; dizem, porém, as criadas que não são filhos do Rajá, mas sim dum gato amarelo que por aí aparece, ás vezes. Se viesses que festas o Rajá faz aos sobrinhos... sim, porque ele é o tio, pois não é verdade?

—Certamente—concordára Eduardo, verdadeiramente maravilhado com tanta ingenuidade.

—Sim, é o tio,—prosseguiu Amelia—

Nos primeiros tempos, quando a irmã não podia fazer companhia aos miudos, porque lá tinha as suas voltas a dar, ficava ele e não sabia que mais lhes fazer: «Renhau, nhau, renhau, nhau, nhau», não os deixava, enquanto a mãe se conservasse ausente. Mas agora o mais curioso é que, se acontecia avistar o cunhado, o tal gato amarelo corria logo, furioso, sobre ele; e se o apanhava, dava-lhe uma casaca que o deixava a escorrer em sangue. Nunca pude compreender o motivo duma tal inimizade. Já me lembrei se serão ciumes; porém, como são irmãos... Enfim, eles lá sabem...

E, com estas e identicas bagatelas, ia correndo, animadíssima, aquela primeira entrevista.

—De amanhã em diante, já poderemos falar ao fundo da quinta, junto ao muro,—prevenira Amelia.—A vindima vai já finda, para aqueles lados.

—E a hora?

—Depois das duas, que é quando meus pais vão dormir a sesta.

Neste momento, parecêra-lhe ouvir a tosse de Berta; e, despedindo-se de Eduardo, chegára Amelia, num ápice, junto da sua pobre irmã que ali estivera sempre, vigilante como um cão, e se lhe dirigia, contrariada:

—Oh! desculpa-me, Amelia, não vinha ninguém; mas foi-me de todo impossível reprimir, por mais tempo, a tosse. Olha, sabes tu, Amelia, aqui corre uma certa aragem, e eu vim pouco agasalhada...

—Oh, que horror!...—exclamou Amelia, beijando e abraçando, enternecidamente, a sua dedicada irmã.—Valha-me Deus, valha-me Deus!... E eu tão esquecida! Perdôa-me, Berta. E se te constipaste!...

—Não ha de ser nada, sossega.

—Ora, ora, que sensaboria! Até me pareces um pouquinho rouca—disse Amelia, beijando, de novo, a sua irmã, ao mesmo tempo que lançando-lhe, ternamente, o braço pela cintura:—Vamos, filha, que deve ser tardissimo...

—E' quasi meia noite.

—Tanto pior, pois, que, daqui a nada, estão os homens a sair do lagar.

E, sempre abraçadas, as duas irmãs, sumiram-se, em bicos de pés.

CONFERENCIAS

E' hoje, ás 21 e 30, que o prof. sr. dr. Agostinho da Silva realiza na Universidade Popular Portuguesa, rua Luiz Dornet, a primeira das suas conferencias da série «Montaigne: sua vida e obra», subordinada ao tema «Vida de Montaigne». A entrada é livre.

O sr. Alberto Pereira de Almeida realiza amanhã, na sala «Algarve» da Sociedade de Geografia, uma interessante conferencia intitulada: «A Arte como fonte historica e o tumulo de Tut-Ank Amon, como monumento simbolico do esplendor do Egipto dos faraós».

Esta conferencia será acompanhada de grande numero de magnificas projecções.

O sr. dr. João Eloy realiza hoje, ás 21 e 30, na ordem dos advogados, a sua annunciada conferencia sobre «Polícia judiciaria», em que se vai occupar de diversos capitulos que muito interessam a ciencia da investigação criminal.

«Defesa do Imperio»

Realizou-se ontem mais uma das palestras radiofonicas da interessante serie organizada pela revista «Defesa Nacional», ao microfone da Emissora Nacional.

Foi orador o sr. general David Rodrigues que se houve com brilho e proficiencia no desenvolvimento do oportuno tema «Os factores fisicos e morais da guerra».

Pinte
seus
belos

K
O
N

e ser
sem
jo

REPRESENTA
M. Ca
Avenida Al
Reis, 166

Telef. 4

DEPOSITARIO
Farm
Olive
Rua da Pi

MUSICA

Concerto sinfonico Rui Coelho, hoje, à noite, no Coliseu

O concerto sinfonico Rui Coelho que este maestro dirige hoje à noite no Coliseu, não é um concerto vulgar. O facto de nele se ouvirem, em primeira audição, duas importantes obras de Rui Coelho, só por si significa que aquele compositor não quer que passe a actual época musical sem partituras novas, nacionais. Assim, com as primeiras audições das «Promenades d'été au Portugal», e do «Concerto para piano e orquestra», não ficará inteiramente, só no domínio da importação, este inverno musical de Lisboa.

Este concerto sinfonico, que se inicia às 21 e 30, tem a colaboração da grande orquestra sinfonica da Emissora Nacional, aumentada ainda como exigem as partituras. Tão soberbo programa como o dos grandes festivais, nos grandes meios como Londres e Nova York, só se pode, de facto, executar na monumental sala do Coliseu, devido ao facto, rigorosamente inédito para Lisboa, de se ouvir, pela primeira vez em Portugal, um numero de efeitos sonoros surpreendentes, a celebre «Polonaise» de Chopin-Crakovite, para cinco grandes pianos com orquestra sinfonica.

Traza-se, portanto, dum programa que marca um grande momento na vida musical do nosso país.

Audição escolar

Amanhã às 15 horas realiza-se no Conservatorio Nacional (secção de musica) uma audição escolar dos alunos do curso superior de piano regido pelo professor Jaime Rodrigues da Silva Junior.

PROVÍNCIAS

AVELAS DE CAMINHO, 12.—A expensas dos socios da casa Seabra, do Rio de Janeiro, nossos conterraneos, vai passar por grandes reparações a igreja desta localidade. Os socios daquela firma, que são já considerados benemeritos desta terra, pelos grandes beneficios que lhe têm prestado, com mais este, que se não esqueçam nunca do torrão onde nasceram.

—Estes ultimos dias têm-se apresentado promotores de bom tempo.

—Prosseguem com grande actividade as sementeiras de batata, que este ano estão bastante atrasadas, por motivo do prolongado inverno que se fez sentir.

Tambem nas vinhas os trabalhos são feitos com grande actividade.

Por motivo de todos quererem os seus serviços feitos, os salarios subiram, pagando-se já a 10 e 11\$00 por dia ao trabalhador rural.

—Esteve entre nós o nosso amigo sr. Albano Seabra Moura, desta localidade, que em breves dias parte para o Rio de Janeiro em viagem de negócios.

—Deu à luz uma interessante criança do sexo feminino a sr.ª D. Celia Moura, esposa do nosso amigo Manuel Simões Veiga.

—Ultimamente têm emigrado para o Brasil bastantes pessoas desta localidade, principalmente rapazes, que vão em busca de melhores dias.

TORRES NOVAS, 12.—Pelo presidente da Camara, dr. Carlos de Azevedo Mendes, foi ontem dada posse do cargo de administrador do concelho, ao capitão de cavalaria sr. Antonio Cesar de Oliveira.

—Tem estado nesta vila, em serviço, o sr. capitão Baptista, comandante da Policia de Santarem.

Gremio Lirico Português

Realiza-se amanhã nos salões do Gremio Lirico Português um grande baile, no qual colaboram as primeiras figuras de nosso teatro e cinema, entre ellas Ilda Sitchini, Maria Paula, Maria Benard, Maria Brazão, Rosa Maria, Daniel Martins, Raul Belas e João Mateus Junior.

Os bilhetes que restam podem ser pedidos para C/ 1 AN. Radio Sonora, pelo telefone 4 5398, ou adquiridos no Gremio Lirico Português, Palacio Palmela, ao Calhariz.

SIFILIS

Doenças de pele, doenças nervosas, Artrismo.

Resultados surpreendentes quando falhados os meios usuais de cura.

Tratamento especial pelos agentes fisicos.

Consultorio Fisioterapico, direcção clinica dos medicos Dr. Carmo Santos, Dr. Salazar Carreira.

Travessa do Cidadão João Gonçalves, 10, 2.º (ao Intendente)

TELEFONE 4 3807

JORNALIS

Vendem-se a peso.

RUA DA ROSA, 57-2.º

O concurso do "Melhor Vinho"

promovido pela Federação dos Vinicultores do Centro e do Sul de Portugal

Integrado na campanha de assistência tecnica levada a efeito pela Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal, organizou-se nas vindimas de 1935 um concurso de «O Melhor Vinho», no desejo de estimular o aperfeiçoamento dos vinhos portugueses.

Este primeiro concurso visou apenas os produtores com menos de 10 pipas, que constituem esmagadora maioria e que se encontram, por circunstancias varias, mais afastados das boas normas de vinificação.

* * *

Traz-se hoje a publico os nomes dos vinicultores inscritos e que ficaram classificados.

Numa forma geral os vinhos apresentados não marcam um nível superior de fabrico e de conservação. Todavia, como se tratava do primeiro concurso desta natureza, quiz o juri proceder ás suas decisões como espirito de maior benevolencia. Dai os vinhos classificados não representarem produtos perfectos, mas somente os melhores de entre os que se inscreveram.

Para esclarecimento dos interessados informa-se que as amostras de vinho sobre as quais o juri se pronunciou estavam apenas identificadas por numeros de ordem, desconhecendo-se o nome dos vinicultores a quem diziam respeito.

Só depois de efectuada a classificação é que os nomes dos premiados foram conhecidos.

Classificação

1.ª ZONA.—Aveiro, Agueda, Anadia, Mealhada, Oliveira do Bairro.

1.º Premio: Esc. 1.000\$00.—n.º 32 de Agueda—Mateus Barbas dos Anjos—Agueda.

2.º Premio: Esc. 500\$00.—n.º 21 de Oliveira do Bairro—Amelia da Silva Pires—Troviscal.

3.º Premio: Esc. 250\$00.—n.º 30 de Anadia—Ricardo Bento Miranda—Oliveira do Bairro.

Menções honrosas

N.º 1 de Agueda—Aniceto Marques Lima—Ricardães.

N.º 8 de Agueda—Clementina Simões Lima—Agueda de Cima.

N.º 10 de Agueda—Manuel Francisco Grilo—Agueda de Cima.

N.º 14 de Agueda—Manuel Marques Gomes Jr.—Agueda de Baixo.

N.º 24 de Oliveira do Bairro—Antero da Silva Pires—Silveira.

N.º 29 de Anadia—Alexandre Pinto de Carvalho—Famalicão.

2.ª ZONA.—Cantanhede, Coimbra, Soure, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Condeixa-a-Nova.

1.º Premio: Esc. 1.000\$00.—Não foi conferido.

2.º Premio: Esc. 500\$00.—Não foi conferido.

3.º Premio: Esc. 250\$00.—N.º 35 de Cantanhede—Antonio Gomes da Costa—Cantanhede.

Menções honrosas

Não foram conferidas.

3.ª ZONA.—Alcobaça, Porto de Mós, Leiria, Batalha.

1.º Premio: Esc. 1.000\$00.—N.º 531—Alcobaça—Julio Trindade Oliveira Campinhos—Cela.

2.º Premio: Esc. 500\$00.—N.º 527—Alcobaça—Francisco da Costa Siopa—Cabego do Trigo.

3.º Premio: Esc. 250\$00.—N.º 535—Alcobaça—José de Almeida—Correia Vestriaria.

Menções honrosas

N.º 529—Alcobaça.—Antonio dos Reis Marques—Alfazeirão.

4.ª ZONA.—Bombarral, Caldas.—Não foram conferidos premios.

5.ª ZONA.—Lourinhã, Peniche, Obidos.—Não foram conferidos premios.

6.ª ZONA.—Cadaval, Azambuja.—Não foram conferidos premios.

7.ª ZONA.—Torres Vedras.

1.º Premio: Esc. 1.000\$00.—Não foi conferido.

2.º Premio: Esc. 500\$00.—N.º 539—Torres Vedras—Joaquim dos Santos Jr.—Turcifal.

3.º Premio: Esc. 250\$00.—Não foi conferido.

Menções honrosas

Não foram conferidas.

8.ª ZONA.—Alemquer.—Não foram conferidos Premios.

9.ª ZONA.—Sintra, Mafra, Sobral, Arruda, Villa Franca, Loures, Montijo, Almada, Alcochete.

1.º Premio: Esc. 1.000\$00.—N.º 512—Alcochete—José da Silva Beja (Sobrinho)—Samouco.

2.º Premio: Esc. 500\$00.—N.º 518—Alcochete—Joaquim Castello—Rua Comendador Oliveira.

3.º Premio: Esc. 250\$00.—N.º 504—Alcochete—Manuel dos S. Dourado—S. Francisco.

Menções honrosas

Não foram conferidas.

10.ª ZONA.—Cartaxo, Salvaterra.

1.º Premio: Esc. 1.000\$00.—Não foi conferido.

2.º Premio: Esc. 500\$00.—N.º 1.009—Salvaterra—Manuel Fernandes—Salvaterra.

3.º Premio: Esc. 250\$00.—Não foi conferido.

Menção honrosa

N.º 1.005—Salvaterra—Pedro Almeida—Salvaterra.

11.ª ZONA.—Santarem, Tomar, Vila Nova de Ourem, Torres Novas, Abrantes, Rio Maior.

1.º Premio: Esc. 1.000\$00.—Não foi conferido.

2.º Premio: Esc. 500\$00.—N.º 1.021—Abrantes—Mateus Silva Amaro—S. M. Rio Torto.

3.º Premio: Esc. 250\$00.—N.º 1.023—Abrantes—J. H. Alves—S. M. Rio Torto.

Menções honrosas

Não foram conferidas.

12.ª ZONA.—Almeirim, Alpiarça, Charnusca, Coruche, Golegã.

Não foram conferidos premios.

Menções honrosas

Não foram conferidas.

O juri

Presidente.—Eng.º Agr. Albano Homem de Melo, director da F. V. C. S. P.

Vogais.—Eng.º Agr. Mario Pato, director da Estação Viti-Vinicola da Bairrada; Eng.º Agr. Alfredo Luiz Ferreira, director da Escola Agricola de Santarem; Eng.º Agr. Victor Salgueiro Pinto da Costa, da F. V. C. S. P.; Oenotecnico Pietro Frau, da F. V. C. S. P.

DR. ALBINO PACHECO

Curas pela hormonoterapia

R. NOVA DA TRINDADE, 9

SARDINHAS «LA ROSE», a elite das sardinhas de conservas

SARDINHAS «LA ROSE», um produto que honra a industria nacional

Peça Sardinhas «La Rose» nos principais estabelecimentos

Fabricantes: FEU HERMANOS — Portimão

Agente-Depositarios: Vilarinho & Ricardo, Lda—Rua da Prata, 230

TAUROMAQUIA

A garraia dos estudantes de medicina

Como as bilheteiras da Praça de Alges só abrem no domingo, já se está fazendo nos Restauradores a venda de bilhetes para a sempre atraente e sempre engraçadissima garraia dos estudantes de medicina. A venda é feita na tabacaria do Avenida-Café (Casa dos Mariscos). O publico tem acorrido porque muito aprecia as garraias da Medica, habituado há muitos anos a que elas batem o «record» da alegria em espectaculos similares. Os numerosos lidadores—todos estudantes da Faculdade—preparam-se entusiasmados para deslumbrarem o publico com as imprevistas maravilhas da sua arte. Ao mesmo tempo, como bons aspirantes a medicos, vão fazer, por metodos pessoais, uma cadeira a mais, a cadeira taurina, a fim de estudarem positivamente os traumatismos e suas consequencias, provenientes de choques com animais carniferos.

Não faltarão na lide e até sobejam, pelo menos no cartaz, cavaleiros, espadas, bandarilheiros, forcados, campinos, picadores, intervaleiros etc. E não faltará o publico a uma tarde divertida e bem passada.

Serviço de comboios para Alges

Para facilitar o transporte do publico que deseja assistir á garraia anual dos estudantes de medicina, que se realiza em Alges no proximo domingo, a Sociedade Estoril fará o reforço dos seus comboios e os especiais que se tornem necessarios.

Dois alvitres

«Sr. Director do «Diário de Lisboa».—Desde ha algum tempo que a Camara Municipal de Lisboa pretende acabar com as rodas massiças dos veiculos, a fim de mais facilmente conservar as ruas e estradas em melhor estado. Ora, não deveria ser a C. M. L. a primeira a dar o exemplo, mandando substituir as rodas desses enormes camioes do lixo que na sua passagem pelas arterias da capital fazem oscilar os maiores predios pondo até em risco os moradores destes?

Não seria interessante que, á hora das refeições, no geral o unico momento disponível para podermos apreciar um pouco de musica, os postos emissores nos oferecessem um pequeno repertorio, em vez de nos fatigarem com palestras sem fim e os mais variados anuncios?—Um leitor».

"O pão nosso de cada dia"

a sensacional obra prima do genial realizador KING VIDOR

Amanhã: sabado em matinée e á noite NO COLISEU

Dois unicos dias de exhibição do grandioso filme em que se canta a fidelidade pelo trabalho

Reaparece amanhã no Coliseu o extraordinario filme «O pão nosso de cada dia», maravilhosa super-produção que a humanidade ficou devendo ao genio de King Vidor e que entre nós, como em todo o mundo onde ha cinema, mereceu delirantes aplausos do publico e os mais altos e unanimes louvores de toda a critica, sem uma unica excepção. E' o mais vibrante poema que se tem realizado sobre o trabalho e incontestavelmente, o melhor filme da temporada. E como será exhibido apenas amanhã e depois, isto é, sabado e domingo, aconselhamos o publico a que comece já por aproveitar a «Matinée» que se realiza amanhã, sabado. A' noite: nova exhibição. Domingo: ultima «Matinée» e, á noite, despedida irrevogavel de «O pão nosso de cada dia» e dos admiraveis complementos do programa. Os preços são excepcionalmente baratos. Encontram-se desde já os bilhetes á venda para qualquer destes quatro ultimos espectaculos de cinema.

Terça feira, 19: Inicio do Grande Campeonato de Luta Moderna Americana «Catch as catch can» (Agarra-te como puderes), com os melhores e mais perfeitos atletas e lutadores do mundo.

CAFÉ-RESTAURANTE «CHIC»

Serviço á lista e mesa redonda. Almoços e jantares a 10 escudos.

Cerveja de pressão. Mariscos e aperitivos.

Café «Lá-Garé»

Bites especiais a 7 escudos

Cerveja de pressão. Aperitivos.

TERMAS DE MONFORTINHO

CASTELO BRANCO

Aguas da Fonte Santa BEIRA-BAIXA Radio-activas — Oxigenadas

UNICAS EM PORTUGAL

BANHOS EM AGUA CORRENTE — Curam: Molestias de Pele — Fígado — Estomago — Intestinos

SERVIÇO DE RESTAURANTE — Aberto todo o ano, devido ao seu clima ameno

Informações pelo telefone 2 2947: Praça D. João da Camara, 11, 1.ª LISBOA — Aguas á venda e deposito provisório: Rua de S. Julião, 116-LISBOA

Peçam estas maravilhosas aguas em todas as boas Farmacias e Drogarias

TESOURAS DE OURO

RUA DOS FANQUEIROS,

N.ºs 263, 263-A e 265

Inauguração da estação de verão com um formidável sortido de fazendas e confecções.

Artigos da mais recente novidade para confecções de senhoras.

Casimiras de lindos padrões para fatos de homem.

Preços de concorrência.

Convidamos todos os nossos estimados clientes e amigos a visitarem a nossa casa durante o corrente mês, no qual tem lugar a inauguração de estação que anunciamos.

MOSAICOS

Goarmon & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17
LISBOA - Telef. 21059

AOS CAVALEIROS

Casa da especialidade em botas altas, polainas e botins é a

Sapataria Barroso

Fornecedor do Exército

57, R. de Belem, 59 - Telefone-Belem 150

Atenção

Vendas a prestações de relógios, ouro e prata. Concertos garantidos em relógios de todos os sistemas. — Praça do Chile, 14-B.

Vai á Praça da Figueira?

Compre café

MOINHO DE OURO

Uma experiencia convencerá V. Ex.ª de que este café é superior a qualquer outro.

Café mistura, moido

Tipo familiar.....	Kg.	5\$60
" Torreão 2.ª.....	"	7\$60
" Primeira.....	"	10\$00
" Extra.....	"	12\$00

A's pessoas de bom gosto recomendamos

O MOINHO

Café de Primeira

Quilo Esc. 10\$00

O MOINHO DE OURO

Torreão da Praça da Figueira, 25 e 27

S. P. Gonçalves, Lda - LISBOA

A. C. P.

anuncia que está esgotada a lotação do II Expresso Popular a Santarem

Para satisfazer inumeros pedidos, está aberta a inscrição para o desdobramento deste Expresso, na estação do Rossio — Informações.

Esclarecimentos: Trafego (Santa Apollonia) Telef. 2 4031.

- Educação fisica feminina — A mulher e os sports.
- Lindos modelos de vestidos, apresentados a cores.
- Cronica de hoje... por Nita Lupi.
- A curiosa vida de certos insectos — A vespa cria um povo.
- Para conservar a beleza e a estetica.
- Meia Noite, versos por Idalina Ribeiro F. da Silva.
- As «Matinees» da «Femina».
- Culpa incorrigivel, cenas da vida romantica.
- Mundanismo em Lisboa e Porto.
- A elegancia sobria em todas as horas e em todas as circunstancias.
- «Tricots» triunfantes.
- Cartas a uma poetisa, por José Agostinho.
- Uma obra de arte da Nini.
- Teatros e Cinemas.
- Modelos lindos, de vestidinhos para crianças.
- Ouvir e Aconselhar.
- Para a mesa.
- Uma guarnição facil e vistosa para roupa de casa.
- Continuação do folhetim «A SOMBRA DA FIGUEIRA», de Yolanda de Yonville.

eis uma parte do resumo do numero 131, hoje posto á venda, da revista feminina portuguesa

FÉMINA

dirigida por Helena de Aragão, e que continua sendo a revista preferida por todas as Senhoras de bom gosto e que desejam ser guiadas no que devem usar.

FÉMINA

que é a revista feminina por excelencia, vende-se em todo o País e na Travessa da Condessa do Rio, 27—Tel. P B X 2 1368 e 21227—Lisboa.

Leve-Fino-Elegante-Resistente-Durador
o chapéu proprio para verão á venda só na

CHAPELARIA UNIVERSAL

— de —

JULIO CESAR GONÇALVES, Lda

8 - R. Bernardino Costa - 10

Lisboa - Telef. 2 1703

NOTA — Para facilitar ao publico a posse deste chapéu e a titulo de reclamo, esta firma resolveu facilitar a sua compra em prestações semanais de 5\$00, com direito a bonus.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone 26195

DR. ARMANDO NARCISO — Medicina, Coração e pulmões — 5 h.

DR. BERNARDO VILAR — Cirurgia geral, operações — 5 h.

DR. MIGUEL DE MATHIAS — Rins e vias urinarias — 12 ás 14 h.

DR. CORREIA DE FIGUEIREDO — Pele e sifilis — 5 h.

DR. LOFF — Doenças nervosas, electroterapia — 2 h.

DR. MARIO DE MATOS — Doenças dos olhos — 2 h.

DR. MENDES BELLO — Estomago, fígado e intestinos — 3 h.

DR. FILIPE MANSO — Doenças das crianças — 2 h.

DR. CASIMIRO AFONSO — Doenças das senhoras operações — 2 h.

DR. FRANCISCO CALHEIROS — Garganta, nariz e ouvidos — 4 h.

DR. ARMANDO LIMA — Boca e dentes, protese — 12 h.

DR. ALEN SALDANHA — Raio X — 4 h.

ANALISES CLINICAS

Quere a sorte grande?

Habilite-se na Tabacaria MADRID

Rua do Mundo, 115



Pelo facto dos nossos preços serem modestos não ha casa nenhuma que corte melhor que nós: isto o dissemos, dizemos e diremos sempre, para bem de quem nos ler.

140\$, 170\$, 220\$, 310\$, 480\$. Per medida fatos completos de fazendas, o que ha de mais moderno e bonito. 150\$, 180\$, 250\$, 3.6\$. Fatos-parures de casaco e calça em quadros, nosso exclusivo.

170\$ fatos de linho para campo e praia, para homem.
100\$ idem, idem, para senhora.
110\$, 130\$, 170\$, 190\$, 180\$, fatos a feição com bons torros.

SALDO

Cortes de fato para homem e senhora a 25\$, 1.º, 65\$, 9.º, 120\$, 150\$, 170\$, 200\$ e 250\$.

ALFAIATARIA REX

R. EUGENIO DOS SANTOS, 99, 1.º
FRENTE AO COLISEU

Moradias

A pronto ou a prestações, lindas chales com 4, 5, 6, 7 e 8 divisões, jardim e quintal, agua da Companhia, luz publica e particular, ruas prontas ou em acabamento, isentas até 1950, comboios a toda a hora, do Rossio para o apeadeiro do Rêgo, electricos de Benfica ou Carnide, parando defrente da legação de Espanha. Mostra hoje e todos os dias o sr. Faria, no Bairro Santos, ao Rêgo, na rua Jorge Afonso (obras).



Moido lotado:	c/ quilo
Comum.....	5\$30
Suave.....	7\$60
Superior.....	11\$00
Mariazinha — Lote especial.....	12\$00
Combinado (só café)	
Lote especial n.º 14.....	11\$00
" 15.....	13\$00
" 16.....	10\$00
" 18 Maria.....	18\$00

Torrado simples:	
Angola, extra.....	8\$30
Cabo Verde.....	20\$00
Moca.....	10\$00
Novo Redondo.....	20\$00
Rio, especial.....	10\$00
Santos.....	14\$00
S. Paulo.....	11\$00
S. Tomé.....	14\$00

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28

(á Igreja de S. Domingos)

Empresa Insulana de Navegação



O paquete "CARVALHO ARAUJO"

Para a Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Caes do Pico, Fayal, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz) sai no dia 23 de Maio ás 15 horas.

Trata-se com os agentes

GERMÃO SERRÃO ARNAUD

Telefone 20314 - Avenida 24 de Julho, 2, 2.º

Capristano & Ferreira, L. da

BOMBARRAL

HORARIO DAS CARREIRAS DE AUTO-CARS

Carreiras	Horas de partida
Lisboa — Leiria.....	7,00 — 12,3 — 16,30
Lisboa — Peniche.....	7,30 — 17,30
Lisboa — Nazaré — Alcobaca.....	8,30 — 14,30 — 19,45
Lisboa — Lourinhã — Bombarral.....	12,30
Leiria — Lisboa.....	7,50 — 15,00 — 19,00
Alcobaca — Nazaré — Lisboa.....	7,30 — 10,05 — 14,30
Peniche — Lisboa.....	7,00 — 14,45
Bombarral — Lourinhã — Lisboa.....	7,30
Peniche — Caldas da Rainha.....	7,45 — 11,00 — 15,30 — 19,30
Caldas da Rainha — Peniche.....	9,30 — 12,30 — 17,30 — 22,00
Peniche — Torres Vedras.....	8,45 — 16,00
Torres Vedras — Peniche.....	11,20 — 19,50
Com ligação em Leiria com a carreira do Porto	
Lisboa — Porto.....	7,00 — 12,30
Porto — Lisboa.....	7,40 — 12,30

Partidas de Lisboa

Largo de S. Domingos, 11 leira A

(Palacio Conde de Almada)

TELEFONE 21003

Linhas do Vale do Vouga

Verão de 1936

Para o serviço de banhos de mar e águas termas durante o verão deste ano, estabeleceram as Linhas do Vale do Vouga viagens especiais de ida e volta, a preços reduzidos, vendidos de 15 do corrente a 20 de outubro. Haverá também bilhetes válidos por 3 meses, sendo o primeiro dia de regresso o 10.º a contar da data do inicio da validade dos bilhetes e o ultimo 30 de novembro.

Estes serviços especiais dizem respeito a Espinho, S. Pedro do Sul, Aveiro (Costa Nova), Caidas do Carvalhal e Viseu (Termas de Alcafache e S. Gemil).

"Hotel da Praia do Sol"

Costa de Caparica

Aberto todo o ano

Reposou

Optima temperatura

Tel. Caparica 112

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

A PRIMAVERA EM LISBOA

Cronica da minha rua

pelo dr. RAMADA CURTO

A arvore grande do Camões está, outra vez, cheia de folhas. A tarde, voltam os pardais em bando a procurá-la, para lá passar a noite. Gosto de ouvir a sua chilreada misturando-se ao som das buzinas dos automoveis que se cruzam no largo das Duas Igrejas. A arvore, banhada pelo sol no ocaso, parece iluminar-se para os receber. Esta arvore e estes pardais representam um papel na minha vida de sedentario, que passo por aqui, invariavelmente, monotonamente, ha muitos anos.

E' a arvore que me marca o tempo, a altura do ano, as mortas estações que já não voltam e as outras que me restam para viver. Porque eu moro perto. Como ouvisse contar das aguias que habitam nos cumes inacessíveis das montanhas, vivo num quarto andar de mansarda, dos de renda antiga e sem elevador. Tenho uma varanda de onde vejo a minha arvore e os seus hospedes irrequietos, bulhando, grazinando, antes de se acomodarem para o sono da noite. De vez em quando é um bando novo que parte dum telhado da igreja, em direcção á arvore. Quando lá chega aumenta o borborinho no hotel verdejante. Ha disputas, brigas, conflitos, cada um querendo para si o melhor quarto, disputando primasias, invocando direitos adquiridos, lugares marcados, expulsando os pardalitos novos atrevidos, que foram empoleirar-se no sitio habitual dos velhos hospedes. E a arvore, toda d'ouro ao sol, parece regosijar-se. Do alto do meu Monte-Branco de cento e seis degraus, eu domino o meu semelhante que passa na rua e os inquilinos dos andares nobres, que custam mais caros. Agora, na Primavera, quando o ar é tépido e o céu sereno, gozo o prazer de ver perto de mim os vãos em frexa das andorinhas, cruzando-se no azul com gritos agudos, que eu supponho ser de felicidade.

E constato, com satisfação, que o farol do pontal de Cacilhas agora é electrico e que a iluminação tem aumentado nas colinas da Outra Banda. Renques de luzes marcam as estradas na encosta, assinalam as povoações á beira rio. E' o Progresso.

Ha poucos anos ainda, o farol de Cacilhas era a petroleo. As poucas vezes que me succedeu ver o nascer do sol da minha varanda, aquela luz serena e amarela, dava-me a impressão, na palidez da madrugada que clareava, duma lamparina que brilhasse ainda ao alvorecer, na alcova dum doente, depois duma noite de febre e insomnia. E lá muito ao longe, a luz do farol do Espichel aparece e desaparece como se, um momento, brilhando e fugindo, quizesse dizer aos meus olhos que de longe a vêem, o segredo do mar distante.

Do meu miradouro eu avisto os telhados fronteiros que, por todos estes meses da Primavera, são como os jardins suspensos de Babilonia—em mais modesto, é claro...—verdejantes, cobertos de musgo, de parietarias, de pequenas florinhas amarelas. Houve um certo ano em que, num deles, não sei porque estranho motivo, apparece-

ceram papoilas, como nas searas. A perspectiva dos telhados prolonga-se, e são as empenas, as chaminés, as trapeiras, as paredes dos ultimos andares dos predios velhos do Bairro Alto, caiados ou pintados de cores berantes, vermelho, verde, azul, tudo fundindo-se na distancia, numa grisalha amarelada. Mas os primeiros planos, em dias de muita luz, com o sol reverberando na cal, parecem uma tela cubista, em que predominam os brancos vivos. No conjunto, porém, ha detalhes romanticos—uma trapeira com uma gaiola de passaro e um vaso de cravos—ou notas impressionistas—como um gato todo preto, sentado junto do tubo de ferro duma chaminé, tendo por fundo umas ceroulas abertas em leque, a secar numa corda. Tenho assim, ali, a minha galeria de quadros, variavel no colorido, conforme a luz que neles incide. No inverno nos dias negros e de chuva, tudo aquilo se funde numa cor unica, duma indizível tristeza, com a agua a escorrer das goteiras, a enegrecer as paredes

brancas, avivando-lhes as fendas a negro limoso, mostrando-lhes o reboco sujo e velho. Mas agora é um encanto! Ainda ontem á tarde, vendo um ninho de andorinhas, pendurado dum beiral proximo, recordei aqueles celebres versos, dum melancolico lirismo, de Gustavo Becquer:

«Volveran las oscuras golondrinas,
De tu balcon, sus nidos a colgar...

Assim tambem voltaram para os pobres pardalitos as folhas verdejantes da arvore que os abriga. Por isso eles estão contentes. No outono então, é, ao contrario. Quando as folhas começam a amareecer e a cair, dando a impressão de despedidas sem esperança de retorno, quando o céu começa a cobrir-se de nuvens escuras, parece que os pardais adivinham o que se vai passar. Para os lados da barra, vêm-se os grandes poentes dolorosos e sangrentos como anuncio de catastrophe, percursores do inverno que chega. Um vento aspero faz redemoinhar os montes de folhas secas, cor de oiro velho.

Sente-se a morte a bailar nos redemoinhos da folhagem morta—e o piar dos pardais então é triste como uma elegia. Aquilo é rapido. Basta uma noite de vento mais rijo e, na manhã seguinte, vejo a arvore descarnada, como que envergonhada da nudez esqueletica dos ramos. E então começam as noites negras, com bategas d'agua furiosas, o vento a zunir como um lamento nos fios dos telefones, a fustigar, em crises de furia, as ardorias da minha trapeira. Olgo, por vezes, no meio da raiva bravia do vendaval, o relógio da igreja proxima bater, cavamente, na noite, as horas que passam ou o grito duma «serela» no Tejo suplicando, aflita, auxilio para qualquer barco em perigo. Se estou acordado penso nos pobres pardais do Camões, tão insignificantes, tão pequenos, novelos de penas encharcadas, empoleirados nos ramos nus da arvore, sem nada que os abrigue. E penso que devia haver um Deus que não quizesse o mal e protegesse e amasse os seres assim, pequenos como as aves...

No dia seguinte de manhã, a vassoura da Camara atira-os aos montes, mortos, para a carroça. Se eles soubessem ao menos que a primavera volta e que, como diz o Becquer:

«Volveran las oscuras golondrinas...

E' certo. Ha muitas coisas que voltam na Natureza. Outras não. Passaram irremediavelmente, não voltam mais.

Havia aqui na visinhança um rapazito que, pode dizer-se, eu vi nascer e crescer e medrar e fazer-se um homem. Era um encanto de rapaz. Forte, alegre, bulhoso, risonho, muito inteligente. As mulheres achavam-no bonito, com os seus grandes olhos pretos, a boca que sorria travessa e meiga e uma maneira de tratar todos bem, com a gentileza dum homensinho que ainda não tivesse deixado de ser uma criança. Parece-me que estou a vê-lo, primeiro de calção, com as pernitás gordas e morenas á mostra, depois com a sua calça até abaixo, os livros atados numa correia, vindo do liceu á hora do almoço, falando aos lojistas da visinhança que tratava pelos nomes e que o adoravam, cheio de saude, de uma alegria que lhe ria nos olhos esplendidos e que se comunicava a toda a gente.

A's vezes vinha acompanhado por outros garotos como ele, companheiros de escola e via-se que, no grupo, era ele que tinha o primado, que era admirado e querido, que era o chefe. Lembra-me, que, por esse tempo, vivia aqui num terceiro andar, um outro rapazinho tambem, mas aleijado, duma beleza triste e fina, de doente incurável, sempre numa cadeira de rodas que a mãe punha á janela para que ele visse a rua. Aquela desgraça, aquela imobilidade forçada, comoviam quasi até ás lagrimas o garoto sadio de que lhes falo.

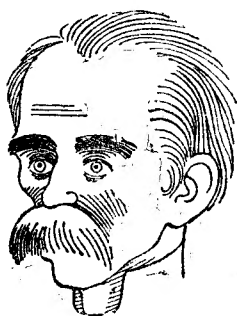
—Coitadinho, não pode brincar, não pode correr!—lamentava ele.

E, insensivelmente, entre os dois, o

(Ver continuação na 3.ª pagina)



Retrato de Frau Jobst Planckfeld, de Dürer, que é mencionado no diário do pintor de 1521



Camilo Castelo Branco nem sempre teve no Brasil admirações incondicionais. Já pelas terríveis zangunhadas da sua polemica, de que foram vítimas alguns escritores brasileiros, já pela própria arte dos seus romances, que

certos intelectuais não estimavam em demasia. E', por isso, mais digna de registo a opinião do notavel ensaista e jornalista José Maria Belo, agora inserida no livro «Imagens de ontem e de hoje». Depois de dizer quais os pequenos defeitos que podem ser assacados ao autor imortal do «Amor de Perdição», escreve o sr. José Maria Belo: «quantas qualidades elevam o genio de Camilo! Ha, preliminarmente, certo sabor de tragedia em tudo que ele escreve... A sua forte personalidade moral projecta-se-lhe nos livros, tornando intensas todas as paixões que analisa. Na humildade ou na meto-cridade aparente dos seus destinos, as suas figuras vivem a plenitude da vida interior...». Justa e equilibrada apreciação, na verdade. Subscreve-la iam os mais devotos admiradores de Camilo, nome eterno na literatura portuguesa, mestre da lingua, vulto cada vez maior, perante o juizo da posteridade.



Sob a direcção do illustre escritor sr. dr. Luiz de Oliveira Guimarães saiu o primeiro numero da revista «Babel», agudo e cintilante documentario da vida internacional.

Trata-se duma grande revista, feita em moldes absolutamente novos, onde se registam pelo comentario o artigo critico, a reportagem, e até mesmo a anedocta, os grandes acontecimentos da actividade literaria, artistica, politica e social do mundo.

Ha muito que não aparece, entre nós uma revista de tão solida factura e dum sumario tão variado e interessante, como esta. «Babel», temos a certeza, vai triunfar. Tem o seu tipo proprio, tanto grafico como literario, mas pode, em absoluto, rivalizar com as melhores revistas estrangeiras. Ao leitor, por via de regra, desiludido com as publicações deste genero, recomendamos, quanto mais não seja a titulo de experiencia, que folheie a «Babel». Verá como lhe agrada.



A grande revista americana «Books Abroad», publica no seu numero de janeiro deste ano um artigo de critica muito interessante, sobre o livro de F. Alves de Azevedo «Figuras Contemporaneas».

Depois de apresentar Alves de Azevedo como o introdutor em Portugal da moderna literatura inglesa e nomeadamente de Katherine Mansfield, Aldous Huxley, D. H. Lawrence e Julian Huxley, faz algumas considerações sobre a literatura portuguesa, citando Ramada Curto e Antonio Botto.



A estatua equestre de D. José, um dos mais belos monumentos da Europa, obra-prima do genial Machado de Castro, foi concluida ha precisamente 161 anos. No dia 15 de maio de 1775, o celebre escultor dava-lhe, com efeito, os ultimos retoques e entregava-a pronta para a proxima inauguração, que se realizou em 6 de junho. Não são tantos em Portugal os espectaculos de beleza fornecidos pela

Diário duma mulher

E' um facto os maiores poetas do mundo serem homens. Será preciso citar Homero, Vergilio, Dante, Camões? Não ha duvida que na Grecia houve Safo; ainda no seculo passado houve em Inglaterra Barrett Browning. Nenhuma destas mulheres, porém, subiu a altura daqueles que o mundo considera os seus maiores poetas. Bergson fala, acidentalmente, em *Les deux sources de la morale et de la religion*, nas faculdades da alma da mulher em face do homem. Segundo ele, a mulher não é menos inteligente que o homem — «é menos susceptivel de emoção», isto é, «se alguma faculdade da alma se mostra nela menos desenvolvida *ce n'est pas l'intelligence, c'est la sensibilité*». E acrescenta a que especie de sensibilidade se refere: «a sensibilidade profunda, não á agitação superficial *en surface*». Ora seria extemporaneo expor aqui o que Bergson pensa acerca destas duas formas de emoção, a que chama, respectivamente, infra e supra-intelectuais. Basta talvez dizer que uma, aquela que a mulher experimenta normalmente, se pode considerar provocada, pre-determinada, por uma imagem ou uma idéa recebida.

Assim a mulher é sensível na medida em que realiza nela o contacto com o mundo. Daí a sua susceptibilidade, a sua delicadeza, a sua capacidade de dedicação, direi, mesmo, o seu *virtuosismo*. Algumas das maiores interpretes da musica pertencem ao sexo feminino: basta lembrar o nome de Wanda Landowska, incomparavel cravista, se não quizermos recordar o de uma grande cantora — Elisabeth Schumann — incomparavel interprete de Mozart; no teatro e no cinema encontra a mulher, também, como interprete, lugar para pôr em destaque os seus recursos unicos de, chame-se-lhe assim — emoção motivada ou pre-determinada. Mas, por outro lado, a mulher, em geral, é destituída de capacidade de emoção que se não pre-determina por qualquer especie de idéa ou imagem, isto é, pela emoção que precede, determina, comanda idéas e imagens.

E' esta a emoção propria das grandes poetas: uma especie de visionação, uma capacidade de sonho criador. «A obra genial, diz ainda Bergson, despenda, a maior parte das vezes, graças a uma emoção unica no seu genero, que se julgaria inexprimivel, e que quiz exprimir-se». Eis porque a grande poesia, aquela que roga pelo mito, pela visão de novos mundos, não encontra geralmente na mulher capacidade de realização. No seu significado profundo poesia envolve uma idéa de criação gratuita, na qual participam, sobretudo, elementos a que a alma da mulher é alheia. O espirito da mulher acorrem-ta á terra; do mundo ella recebe as solicitações mais activas. E' preciso que se lhe abram as portas do céu, que Deus se lhe entremostre, para ella ser capaz de se elevar ao mundo onde se concebem em geral as geniais obras poeticas. E, mesmo assim, quando uma Santa Tereza exclama: «*Oh Señor mio! Oh Rey mio!*», arrebatada num arroubo místico, é um Deus de carne e osso, o esposo, o senhor, o rei, aquele que «*El mismo dice que nos criou á su imagen y semejanza*», que ella chama, que ella adivinha, que ella quer. Um deus categoria moral, um deus entidade metafísica, um deus essencia, como o poderia conceber um Kant, um Spinoza ou um Descartes está fora da concepção feminina. Se não ha um grande genio poetico feminino, também nenhuma mulher foi alguma vez filósofo que valha.

E' em Inglaterra que têm apparecido algumas das mais notaveis escritoras do mundo. Não quero esquecer em França uma Madame de Staël, nem posso deixar no silencio Madame de La Fayette. Hoje mesmo o nome de Colette pode figurar entre os dos mais notaveis romancistas — ia a escrever: *romancistas* — franceses. Selma Lagerlöf é autora de alguns contos maravilhosos. E pelo mundo ha outras. Inglaterra, no entanto, é a patria de George Eliot, das irmãs Brontë, de Elisabeth Browning, de Katherine Mansfield, de Virginia Woolf, de Rosamond Lehman, primeiras figuras na literatura do seu tempo.

Ora Taine, quando estuda nas suas *Notes sur l'Angleterre* o espirito inglês, oferece-nos dados preciosos para nos pôr de accordo com o que Bergson pensa acerca das faculdades da alma feminina. A educação anglosaxónica não procura criar espiritos abstractos, nem capacidade ideativa — procura, sim, dar ao homem um sentido exacto do mundo. A cultura classica do inglês é geralmente solida. Qualquer aluno sai de Oxford ou Cambridge capaz de escrever versos em grego. Mas, ao contrario do que sucede, por exemplo, em França, onde se leva o aluno a ter o sentido da cultura grega ou latina independentemente do conhecimento pormenorizado dos autores, o inglês, regra geral, difficilmente abandonará a Universidade com o espirito formado para a compreensão, em abstracto, de qualquer cultura. Por isso o inglês viaja incansavelmente. Conhecer factos, fixar aspectos concretos de cada país, ter uma noção exacta de cada coisa — eis o seu objectivo. Nada o satisfaz tão completamente como ver com os seus olhos; e, se o mundo se renova, ele tratará de verificar, concretamente,

arte em nessas ruas, praças e jardins, que não mereça uma referencia especial tudo o que diga respeito ao trabalho magnifico de Machado de Castro. Podem-se contar pelos dedos as esculturas que, no longo periodo de mais de seculo e meio, ombréiam ao ar livre, com o admiravel bronze do celebre artista. Lição permanente de elegancia, de grandeza e de perfeição, é e ha de ser sempre um dos supremos encantos de Lisboa, a que empresta majestade e gloria sem par.



em que consiste a renovação. Evita, por isso, generalizar, raciocinar por amor do raciocinio, manter o seu cerebro em quadros estaveis. Eis porque Taine crê o inglês fadado como nenhum outro povo para o romance, genero em que predomina a notação do facto, o contacto com a realidade. Eis por que a mulher inglesa está em condições excepcionais de se revelar artista: viver do contacto com o mundo e o seu modo de viver. Na inglesa a tendencia geral da mulher — a emoção provocada pela representação — é reforçada pelo ambiente educativo. Logo, nenhuma mulher como ella ter sido capaz de nos dar obras da categoria de um *The Mill on the Floss*, de um *Wuthering Heights*, de um *The Garden Party*, obras primas do romance e da novela.

A literatura portuguesa não nos oferece nenhuma grande escritora. Entre-nós não são vulgares as qualidades que concorrem para o florescimento de uma literatura feminina. O português é pouco observador, extremamente divagativo, sentimental, sensível ás coisas indefinidas, como sejam o destino, e tudo quanto possa justificar uma certa inercia propria. Em geral, não é poeta entre nós, é orador. A eloquencia substitui, nos desprovidos de sensibilidade profunda, a capacidade poetica. Por isso grande numero das mulheres que em Portugal escrevem denunciam os maiores defeitos dos homens — são eloquentes ou retricas, isto é, as suas obras, em vez de nos darem uma visão da realidade ou de nos denunciarem temperamentos, mostram-nos talento literario. Ha, realmente, em Portugal algumas mulheres com talento literario; com personalidade, poucas haverá. Entre os casos raros de escritoras portuguesas com personalidade vale a pena destacar uma. Falo de João Falco, pseudonimo de uma das mais curiosas psicologias femininas que a nossa literatura tem revelado.

Um dia e outro dia..., eis a obra que ha pouco appareceu nas livrarias assinada com o pseudonimo masculino de João Falco. *Diário de uma mulher* é o subtitulo desta obra, realmente collecção de apontamentos, redigidos sob a forma de verso, e ao sabor dos momentos e dos dias. Poucas vezes se escreveram em Portugal paginas de uma tão discreta e profunda observação. «Sinto hoje por tudo uma curiosidade reflectida, uma complacencia sossegada...», escreve algures João Falco. E' ao sabor de uma curiosidade reflectida que esta mulher se vai revelando por dentro, dizendo o que sente, o que remoi, o que padece, quais as suas ambições, os seus caprichos, os seus sonhos. Quando não é a curiosidade que as pequeninas e as grandes coisas do mundo lhe despertam que a provoca a escrever, provocam-na as suas proprias emoções indeterminadas, os silencios da sua casa, o vento que se ouve, a palavra que não se diz. E então João Falco, com a simplicidade com que se dizem todas as coisas intimas profundas, diz-nos o que poucas vezes se tem dito sobre as dôres da feminilidade. Que neste temperamento entrecruzam-se uma espiritalidade toda feminina com uma intelligencia masculina. De um lado a complexa rede de inibições a que a vida força uma mulher, do outro os imperativos que se não calam, e, sobre tudo isto, um raciocinio que quer ser senhor do campo de batalha, e teima e luta, e ora cede, ora domina. Daí a revolta que algumas das paginas desta obra denunciam, a calma que outras revelam, a complacencia que aqui e ali transpira, a amargura que se solta a espaços, e, sempre, o acento de uma natureza cheia de vida sobrepaixando cada pagina como uma nuvem gravida de vapores.

«Poisa-se a mão fechada,
com o lapis suspenso,
sobre o papel que espera...
Escrever, não escrever?»

e a perplexidade resolve-se: «Tanta coisa escrita!» E' assim todo o livro: um dialogo entre dois comparsas, que ora são João Falco e João Falco (porque um nome masculino?), ora João Falco e a realidade.

Katherine Mansfield deixou-nos paginas admiraveis de confidencias. As de João Falco não lhe são inferiores. E' grande o parentesco entre estas duas sensibilibidades: mas João Falco, que é o que era antes de conhecer Mansfield, tem obrigação de ampliar os seus quadros (o dos gatos no jardim é uma obra prima). Com a frescura de observação que este livro revela, com os dons de simpatia humana que a escritora mostra, com a riqueza de tons que o seu estilo trai — pode esperar-se muito desta personalidade excepcional. Suponho que serão estes os votos de quantos hajam lido *Um dia e outro dia*. Os meus, particularmente, acrescentam-se de um outro ainda — que João Falco não volte a usar a forma versificada que adoptou neste livro. Quanto a mim, formalmente, João Falco é prosador, não obstante, essencialmente, ser poeta, poeta como ainda não havia outro entre as mulheres consideradas poetas em Portugal.

JOÃO GASPAR SIMÕES

O Concurso Literario-musa popular e ao «quasi improviso». rio das Canções! Os «poetas» não teriam concorrido. da Uva e do Vinho O Concurso ficou assim entregue ao — constitue um que «a cepa dá».

Não — supomos montão de poesias ha verdadeiras maravilhas, esparsas, soltas, desligadas, nós.

E «não», dentro a par de graciosos pedaços de canção do conceito her-neiro, dignos de colectanea. metico e rigoroso! Não será um exito literario; pode da expressão. Tra-ser e nisso acreditamos — um exito de ta-se de uma ten-poesia, uva do monte, bago de ouro que tativa, aberta á inspiração, á ilusão, á medrou á vontade de Deus.

Dez minutos

com



Arlindo Vicente

Arlindo Vicente é um advogado doublé de artista. Raros, como ele, sabem desenhar com tão admirável elegância, vincar na superfície do papel as interpretações duma alma ou as expressões dum carácter. Por vezes, tem o diabolismo das imagens. Parece que um ritmo nasce dos seus trabalhos, acusando uma profunda densidade intelectual. Não faz arte pela arte. É antes um artista humano que violenta todas as concepções, em deslumbramentos de intensa beleza. Ao lado da sua forte espiritualidade, do lanceolado dos seus desenhos, temas iniliterários, divagantes, mas duma forte potencial estético, que nos deixam assombrados pela revelação. O sr. dr. Arlindo Vicente faz parte da *Presença*. É o seu ilustrador oficial, cujo lapis em belas geometrias vai traçando o caminho a seguir, entrecabrindo-lhe perspectivas mais vastas e largas. É um revolucionário, que sabe lutar, mesmo quando da luta não sai o triunfo.

—Depois de quatro anos em que a minha actividade artística foi prejudicada pela actividade no fóro, o que posso agora dizer é que tenho fome de trabalhar...

—Como trabalha?

—Trabalho sempre que posso e como um operário. Acho, de resto, que a pintura e o desenho precisam de uma assistência tão grande ou maior do que qualquer outra profissão. Assistência de amor não só essa como assistência da actuação efectiva. Não basta trabalhar quando se tem disposição. É necessário fazê-lo metodicamente.

«A minha licenciatura e posteriormente a minha vida de advogado numa terra da provincia fizeram-me traír um pouco, e contra minha vontade, este essencial ponto de vista. Creio, no entanto, que chegou a hora de poder ser um pouco mais o dono do meu tempo...

—Qual tem sido a sua actividade como pintor?

—Quando estudante, em Coimbra, organizei em 1927 o 1.º Salão dos estudantes, que se tem repetido todos os anos. Em Lisboa, pouco depois, com Diogo de Macedo, Antonio Pedro Tajarro e Mario Elcy organizei o 1.º Salão dos Independentes, em que, naturalmente, colaborava como colaborei no 2.º, organizado por outros no ano imediato. Expuz novamente em Coimbra, com o grupo da *Presença*, onde tenho publicado alguns desenhos. Tenciono expor ainda este ano ou no começo do proximo, como prologo do recomeçar da minha vida.

—Que generos de pintura prefere?

—Em pintura prefiro a todos os generos o retrato e a composição de figura. Quere-me parecer que na natureza humana se encontram paisagens mais emocionantes que a das montanhas ou a da quietude das planícies. Refiro-me ao retrato que o seja efectivamente com todas as características de análise e introspecção. Interessa-me também e muito a pintura essencialmente cerebral, isto é, a que não tem a natureza mas o homem, as suas idéas e emoções como ponto de partida e a pintura social sua consequencia particular. Conto até apresentar alguma coisa do genero.

"O TREVO DE QUATRO FOLHAS"

O novo romance

de Tomaz Ribeiro Colaço

É vulgar dizer-se que não temos romancistas. Que ficámos em *Eça de Queiroz*, de facto muito grande para o seu tempo, e até para o nosso. Talvez haja uma pontinha de exagero pessimista nesta afirmação, que é moeda corrente de críticas e polémicas.

Thomaz Ribeiro Colaço que, com a *Folha de Parra*, um dos mais belos estudos da psicologia dos adolescentes que se tem feito, entre nós, desmentira a ouzada afirmação. dá-nos agora um belo e limpo romance, de sabor português, numa prosa fresca e ressumante de alegria, que se intitula *O Trevo de Quatro Folhas*. É um viente de paraitre sensacional. Sabem qual a sugestão da obra? O seu título serviu para dois trabalhos: o do dr. Tomaz Ribeiro Colaço que «atacou» a novela, desenvolvendo-a admiravelmente, em quadros de pitoresco cosmopolita e lisboeta, figuras de hoje, esta e aquela conhecidas, através duma acção palpitantemente novelesca—e o de Chianca de Garcia que, tiferentemente, fez a realização cinematografica, num cenário que nos dizem ser uma autentica maravilha de imaginação, de ambiente, e de composição de almas. O romance e o filme, ambos o *Trevo de Quatro Folhas*, vão cruzar-se na vida, na rua, ante os olhos e a intelligencia romanesca do leitor, que neles encontra o estilo de hoje—verdadeiro 1936. Do romance, de Tomaz Ribeiro Colaço, ainda fresco das tintas de impressão, encontram aqui as primicias. Quanto ao fonofilm português é uma questão de dias, de poucos dias.

Eis como começa o segundo capitulo da obra de Tomaz Ribeiro Colaço:

O «Arlanza» ia rapido e seguro, ca-beceando ás vezes por desfastio, em majestosa arfagem.

Meio estirados nos cadeirões, o professor Monckhauer, Jean Fleury e o Juca penetravam-se daquela comunhão a que a vida de bordo empresta um calor de ternura definitiva.

Sensivelmente austriaco, era o professor um destes passageiros proeminentes que em cada viagem encontramos, nos parecemos a verdadeira causa de todo o navio, e depois se somem para a vida da terra firme em qualquer rutilante solenidade de laboratório ou discreto andar de rua escusa.

Fleury era o jornalista internacional que também não falha em barco de 20.000 toneladas, conheceu sempre Mussolini com uma intimidade confidencial que a mais nenhum foi outorgada, sempre esteve, «por acaso, em Esmirna»... na fimbria do sucesso culminante, vasou sempre o viver afanoso do orbe na certeza presencial duma reportagem.

Mais do que nas prosapias do manequir a que se vestem tamanhas categorias, nascem estas na psicologia especial do passageiro. A sensação de que transpomos, não sem audacia, abismos fundos; aquela solidão que cruzamos num pequeno e ocioso aglomerado humano; e a lembrança inexpressa do dinheiro que nos custou o bilhete—levam-nos a uma latente hipertrofia da importancia propria; e é esta que se reparte pelos que nos ro-

deiam, parceiros nossos naquela audacia transoceanica e na aglomeração e na despesa.

Por isso o professor Monckhauer figurava um filosofo supremo, Jean Fleury galgava a imortal cronista, e Juca passou a reencarnação de Velasquez—o Velasquez que fixaria talvez na tela os traços dos outros dois.

Tinham caído numa conversa que julgavam profunda. Chefiava-a o professor, ameno erudito para quem um paradoxo era sempre uma coisa seria quando não formulado a sorrir.

Pontificava:

—Não ha milhões de homens. Ha um só, repetido em milhões.

—Mas são todos diferentes—exclamava Juca.

—Iguais. Quimicamente iguais. Parcelas iguais de materia cosmica em ebulição. Iguais filosoficamente, como centelhas que são do mesmo espirito universal.

—E as diferenças que vemos?

—Não existem. Nascem da insuficiencia dos nossos sentidos.

Parou um momento, acamando as melenas grisalhas que lhe ardião no cranio. E interrogou, sério:

—O senhor já pensou na psicologia de uma galinha?

Fleury, magano, arrebitou os olhos; conversavam em francês, e o ressaibo de brejeirice que manchava a pergunta fê-lo sorrir. Juca esperou, gravemente. O professor demonstrou:

—Se eu trocar um pinto numa ni-



Tomaz Ribeiro Colaço

nhada, e mesmo que o substitua por outro igual, a galinha dá pela troca e corre com o intruso ás bicadas. O que conclui o senhor daqui?

—Concluo que ela vê diferenças que eu não vejo. Documenta um admirável instinto...

—Desculpe. Mas não lhe parece absurdo aceitar que uma galinha tenha razão contra um homem? Não será pueril, vendo o senhor dois pintos iguais, aceitar que uma galinha lhe demonstre que eles o não são? Pense melhor. Não ha instinto. Uma galinha sente-se má daquilo que saiu dum ovo que ela aqueceu. É capaz de criar patos, e correrá ás bicadas um pinto do sexo masculino que nascesse sob outras asas, de um ovo que ela poz. Onde está esse famoso instinto, que a leva a sacrificar um fruto da sua propria fecundação passada, um sentimental das suas fecundações futuras, em holocausto a uma colecção de seres a que foi e a que será completamente estranha? Acredite. Aquilo a que chamamos instinto é apenas uma forma de sub-raciocinio em embrião. E o raciocinio é uma irradiação da materia animal, que se localiza nas zonas sensoriais, no cerebro. Quere dizer, as «diferenças» que levam a galinha a reconhecer o componente da sua ninhada, não existem neste; existem no cerebro da galinha. Representam a consciencia reflexa de dois elementos que ela comunicou, o calor e o cheiro, e que reconhecerá, porque estão nela. A prova é que se eu, de noite, trocar um pinto por outro muito diferente, no dia seguinte verei este adoptado.

Cronica da minha rua

(Continuação da 1.ª pagina)

forte e o doentinho, travaram-se relações de janela para janela e cá de baixo da rua, lá para cima para a varanda do doente. E relações que se fizeram intimas, por sinais, por sorrisos, por uma que outra palavra gritada pedindo informações: «como te chamas?», «Que idade tens?», «Estás melhor?», «Has de ficar bom!». E era de ver a alegria com que o doentinho recebia, de longe, as efusões do amigo são, ele, coitado, sempre imovel na sua cadeirinha de rodas e que tanto queria sarrar!

Ora um dia esta força, esta alegria, esta promessa que era o garoto são, foram imobilizadas, extintas pela morte.

Disseram—que eu não vi—que o levaram rua acima, numa caixa coberta de flores, entre muitos, muitos companheiros da sua idade que choravam. Por sinal que foi por este tempo aproximadamente, perto do solstício de verão, quando até para os velhos, a vida parece renovar-se, quando ha alegria no ar, e desabrocham os primeiros cravos.

A recordação deste facto faz pairar uma sombra de tristeza nestas linhas. Não foi por mal. Contei a historia sem querer. Eu tenho o pudor de contar historias tristes—que os outros podem

rir-se e bem basta as que cada um tem na sua vida. Depois, hoje o céu está de um azul purissimo. O sol da tarde que delina doira tudo e até as coisas que seriam feias sem esta luz, resplandecem, como tocadas de graça melancolica. Porque as melancolias não são só para o outono—a estação dos poetas. Eu, não sei porquê, é exactamente nos dias assim, de muito sol e muita cor, que estou mais triste—duma melancolia calma e resignada e que não quere consolação.

Ha tantos anos, em tantas Primaveraes mortas, que eu vejo os mesmos aspectos que estou vendo agora da minha janela. Eu é que era diferente. Mas penso que não gostaria de ver os meus cabelos tornarem-se, de brancos, a cor primitiva. Não, não gostava. Para quê?

Quando se viveu e se cumpriu a nossa obrigação, a sensibilidade por vezes, conforta-se com as recordações do passado, unge-se dum vago misticismo consolador, não quere voltar para traz para o que já foi e antes espera o futuro que lhe não causa medo.

—E' bom que, a certa altura da Vida, todos possam repetir as palavras resignadas e quasi alegres da Escritura: «e agora, Senhor, despede o teu servo, segundo a tua promessa!».

RAMADA CURTO

RIMAS

No me admiró tu oivido aunque de un día
me admiró tu cariño mucho más!
Porque lo que hay en mí que vale algo,
Eso... Ni lo pudiste sospechar!

Los suspiros son aire, y van al aire.
Las lágrimas son agua, y van al mar.
Dime, mujer: ¿cuándo el amor se olvida,
Sabes tú a dónde va?

A qué me lo decís? Lo sé: es mudable,
es altanera y vana caprichosa;
antes que el sentimiento de su alma,
brotará el agua de de estéril roca

Sé que en su corazón, nido de sierpes,
no hay una fibra que al amor responda;
que es una estatua inanimada... pero...
Es tan hermosa!

Si de nuestros agravios en un libro
se escribiese la historia,
y se borrara en nuestras almas cuanto
se borrara en sus hojas;

Te quiero tanto aún, dejó, en mi pecho
tu amor huellas tan hondas,
que sólo con que tú borrasas una,
las borraba yo todas!

BECQUER

A proposito do livro "Arca de Noé, III classe"

de AQUILINO RIBEIRO

Os professores e os pais sabem por experiência viva a importância, a dificuldade e a gravidade que encerra o problema da literatura infantil.

E' pela leitura que a criança em parte se instrui, enriquece o seu espirito, colhe ensinamentos morais, se recreia e diverte, entra em contacto com os tesouros do pensamento escrito da humanidade.

São de Ruskin os conceitos notáveis que seguem:

O primeiro objecto da educação é habilitar-nos a consultar os homens maiores e mais sábios. O uso dos livros conduz-nos directamente a pedir-lhes auxilio: apelamos para eles quando o nosso conhecimento e poder de pensamento falham, obtemos deles uma visão mais larga, concepções mais puras do que as nossas, deles recebemos aquelas decisões de juizes e autoridades de todos os tempos contra a nossa opinião solitaria e instavel.

A leitura tem, pois, um elevado valor. Não satisfaz apenas ás exigências das nossas necessidades praticas, de informação e instrução. Além do prazer que deriva da leitura das obras primas, da emoção que suscita e enleva a admiração da beleza criada, a leitura tem um profundo valor moral e espiritual. A voz da humanidade fala através dos poetas, dos dramaturgos, dos romancistas. E' a mesma voz que se exprime nos filosofos e nos artistas. E' pelos livros que temos acesso na experiencia da raça. A leitura ajuda-nos a viver, porque nos mostra e nos ensina como viveram aqueles que foram os grandes mestres do pensamento e da acção. A leitura liberta-nos do isolamento em que vivemos e põe-nos em



Aquilino Ribeiro

contacto com a vida, com a historia, com o pensamento do mundo.

Não é decerto uma das censuras menores que se podem dirigir á escola dizer que ela não promove, não fomenta, não cria, mesmo, o amor á leitura.

Os metodos escolares não geram a necessidade de ler, antes, pelo contrario, criam o horror pelo livro. As crianças e os adolescentes saem da escola sem o amor á leitura e sem saber utilizá-la na vida.

São varias as causas deste estado. Mas entre todas avulta a de que não existe como seria para desejar uma literatura escolhida e acessivel, para crianças e adolescentes. Não ha educador que não tropece a cada passo

com dificuldades consideraveis quando tem que aconselhar livros para leitura.

A insuficiencia e a deficiencia de livros para crianças e adolescentes provém em grande parte do numero limitadissimo de escriptores deste genero de literatura, de escriptores que saibam escrever para os pequenos. Para interessar as crianças é preciso conhecer a alma infantil e juvenil, as suas inclinações, o modo como ela se representa o mundo e o anima e o povoa. A psicologia infantil e juvenil já hoje fornece dados preciosos que permitem estabelecer, nas suas grandes linhas, os interesses espirituais de crianças e adolescentes. O que é preciso é penetrar bem na alma, nessa alma aprender as grande etapas da sua evolução psiquica, descortinar os seus desejos. Raros são aqueles que nestas condições sabem escrever para rapazes e raparigas. Raros são os que se salvam no meio duma produção abundante que apenas se singulariza pela incompreensão do espirito infantil e juvenil e tantas vezes pelo perigo moral que constitui.

Contudo os materiais não faltam: os contos, a natureza, os grandes homens do passado e do presente fornecem quando seja necessario para o vôo da fantasia, o encanto da poesia, a curiosidade da vida, o gosto da aventura, o dinamismo da acção, a ternura da emoção, o ensinamento da virtude, e a distensão da alegria despreocupada.

Entre nós ha que assinalar três realizações recentes de livros para crianças e adolescentes, feitas em direcções diferentes.

João de Barros, poeta ilustre, deu-nos duas adaptações notaveis para

adolescentes—e para o povo—de duas obras primas da literatura universal «A Odisseia» e os «Lusiadas». Oxalá que o seu esforço, digno de louvor, prossiga no empreendimento admiravel de iniciar os rapazes e as raparigas nas obras mestras da nossa literatura e da estrangeira.

A sr.^a D. Maria de Castro Enriques Osswald traduziu a «A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson através a Suecia», de Selma Lagerlof, obra prima da literatura infantil que a par dos dados instrutivos está cheia de sonho, de poesia, de aventura, de beleza e de bondade.

Numa outra direcção, Aquilino Ribeiro, mestre insigne da lingua e da novela, escreveu, também, para os pequenos a sua colecção «Arca de Noé, III classe», admiravelmente ilustrada por Jorge de Matos Chaves. As obrinhas de Aquilino são historias de bichos e bicharocos, de varia especie, «O grilo cantor», «O macaco trocista», «O elefante que não era para graça», «O coelho pardinho», «Joli, cão francês», «O burro com rabo de legua e meia», historias divertidas, onde, por detrás da alegria, do riso e da farsa se desenhavam na satira dos defeitos e nas conclusões das narrativas, regras praticas de moral corrente. Ha por essas obrinhas fora quadrinhos tocados duma graça leve e duma poesia simples. O estilo, obra dum artista exímio, entra de pé direito pelos sentidos dentro, mas é, por vezes, dum realismo talvez um pouco vivo, com o qual, nem sempre concordamos.

FARIA DE VASCONCELOS

Director do Instituto de Orientação Profissional.

PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

O romance e as novas gerações

criticados por Correia da Costa

Correia da Costa termina hoje o seu brilhante e incisivo depoimento literario. Depois de ter perspectivado, numa geometria de agura critica, o campo intelectual da nossa época, Correia da Costa vai definir a sua atitude em relação a problemas capitais, cujas soluções todos nós, avidamente, procuramos.

—O romance tem cultores de envergadura? Acompanha os problemas psicologicos, fisiologicos, populistas ou sociais, que se debatem na literatura estrangeira?

—O distico que fez furor ha anos, em França, de B. Grasset: «il faut casser les reins au roman», merecia ter entre nós amplo direito de adaptação. Depois de Eça de Queiroz o romance não teve quem lhe mantivesse o principado. Num livro meu de ensaios, quiz encontrar três soluções criticas entre as quais a dum operoso romancista e novelista, que pressenti e advinhei como um grande realizador de linguagem, vernaculamente portuguesa, bebida nas boas fontes de setecentos e oitocentos. Mas é este referido escritor um romancista nacional? E' o seu Liborio Barradas um simbolo lusitano uma figura do nosso drama contemporaneo? Os cultores do romance em Portugal fazem mais divagações prosaicas do que romance. Surgem entre os novos, tentativas louvaveis, mas «apenas tentativas», é preciso acentua-lo.

Mas são elas individuais e «responsaveis»? Não serão por vezes sugestões perniciosas e perigosas de influencia estrangeira, casos de cópia indirecta e irresponsavel? Confunde-se entre nós, o fluxo verbal, a facilidade corrente, o bluff sonolento das descrições e dos dialogos, com aquilo a que em ciencia literaria se chama, o «genero» de romance. Não confundamos a palavra romancista, com os meros fazedores de romances ou que têm como «emprego», fazer romances. Daí erros de visão, esforços suicidas, experiencias lamentaveis, plagios «camouflados», talentos verbais desbaratados, possibilidades inuteis. Eis aqui, a razão plena da nossa insuficiencia e da irresponsabilidade, do nosso «amadorismo» literario. Portugal não pôde concorrer nem com a França, nem com a Inglaterra nem mesmo com a Espanha no romance, nem psicologico, nem fisiologico, nem populista. Nesta ultima «nuance»,

que é de facto aquilo a que se pôde chamar um neo-zolalismo, os romancistas portugueses «responsaveis» desconhecem a glória, o povo. Poderiam aprender nos russos e nos espanhóis a grandesa interprete, gloriosamente anonima do povo. A crise de motivos junto á inexistencia do drama, vizinho da retina ou da percepção do romancista, asfixiam todas as tentativas. O nosso proprio regionalismo, certamente duma humanidade flagrante, não tem universalização natural. Interessa á cultura, á psicose europeia o romance português? Até hoje o nosso romance não interessa nem aos tradutores idoneos, nem á critica consciente de qualquer dos países na vanguarda da cultura europeia. Confrontando o regionalismo russo com o nosso, confrange a restrição do nosso drama moral. Nós somos um país de alma extatica, sem nenhum dinamismo sofredor. Daí esse confronto dispár. O resgate da nossa literatura não está nem nunca esteve no romance. Eça de Queiroz, médium formidavel, acordou o meio burguês e sobre ele atestou o seu monoculo-histórico, a custa de que influencias manifestas? Mas não criou no romance português um romance universalizante e de interesse para a cultura da Europa. Será um sacrificio de patriotismo, dizê-lo assim? E por paradoxo na sua obra prima, a «Ilustre Casa de Ramires» transcendendo os limites reais da obra, humanizou-a tanto, deu-lhe tanta grandesa nacionalista que a transformou num poema, o poema simultaneo da nossa descrença animica e da nossa confiança moral. A distancia que separa Eça de qualquer dos nossos actuais romancistas, é enorme e intransponivel. O tempo o dirá. Os factos o confirmarão, perante a critica que focar posteriormente este periodo, nosso contemporaneo.

—Ha de facto em Portugal ambiente que favoreça o ambiente literario?

—A criação e a manutenção, la a dizer «persistencia» de algumas revistas representa um esforço louvavel, de pretender hierarquizar idéas, renovar a consciencia critica, criar a «livre» opinião, fixar evoluções de cultura e simultaneamente permitir a revelação relativa de muitos valores. Mas havendo em França admiraveis revistas, sobretudo as de após-guerra, nenhuma delas marca uma «orientação» literaria. Mesmo,

hoje, o sinonimo de escola literaria não existe. Cada escritor representa a propria polarização das suas idéas, da sua forma ou do seu sonho criador. As revistas de novos foram sempre admiraveis «rendez-vous» de espiritos livres. No meu tempo de estudante universitario em Coimbra, muitas revistas ficaram, tal qual como mais tarde em Lisboa, como especimen dum sonho de mocidade, esfumado no tempo. As de hoje, num ambito mais exigente, tentam o ensaio, a critica livre. Mas haverá em Portugal, ensaismo, critica livre, uma natural convalescença de inteligencia, como nos países mais cultos da Europa? Haverá competência intelectual, idoneidade critica, em muitos dos nossos pseudo-ensaiistas? Noventa por cento deles precisavam duma rigorosa policia critica, chamados-os á responsabilidade dos plagios e das adaptações. O confronto dos seus trabalhos com as revistas e jornais franceses, é edificante.

—Lê-se mais? O que se lê e o que se devia ler.

—A confusão no mercado literario só define a nenhuma influencia da critica sobre o meio português. Nem selecção de valores, nem consciencia mental, nem percepção de categorias. O comprador vai atrás do réclame, do encómio «arranjado», do anuncio apetitoso. As traduções—e que traduções!—enchem as montras dos livreiros. Nem o que está no texto é tradução nem a linguagem é a nossa. E' aquilo a que ha tempos um semanario chamava linguagem «preto-guezo». Não ha, pois, policia para estes pequenos delitos? Era absolutamente necessaria uma alfandega, um controle ao que sai dos préios. Ha que defender a lingua e o pudor mental do país, desse crime consciente e utilitario do tradutor e do editor de nossos dias. Se ha uma policia de costumes, porque não haverá uma alta representação censoria da dignidade e do pudor da lingua? Como adaptação da lei de Gresham em economia politica, poderemos dizer que a má literatura expulsa a boa. A verdade desta afirmação acho-a indiscutivel.

—A critica e o ensaio.

—Pode-se afirmar que ha, entre nós, uma ascese de pensamentos e de cultura, uma nova idade critica? Rarissimos são os seus cultores idoneos. E' ingratisimo o seu campo de realização. Como manter integra a individualidade moral da nossa critica, sendo a

cultura destes ultimos, ou inglesa ou francesa, ou alemã ou até espanhola? Como evitar que um critico de menos de trinta e cinco anos tenha personalidade, um resumo de idéas e cultura geral ou uma individualidade vertebrada? Raros casos merecem a atenção do leitor. Confunde-se entre nós o devaneio sibilino e substantioso, a linguagem pauperrima, no vacuo, o sentido inexpressivo e indorsal dos motivos, com critica. Em vez duma linguagem sintetica, afirmativa, encontramos a cada passo, com o rotulo de ensaio critico ou de critica, um insofismavel cortejo apavorante de adjectivações desconexas, de idéas divergentes, de raciocínios intermitentes, de contradicções dispáres, de conflitos de logica e de harmonia, em resumo, uma joaneta de inteligencia. A nossa critica responsavel é um mero dilettantismo e rarissimos são os casos em que o dilettante, de facto, é um critico insofismavel. Temos actualmente criticos como Antero, Moniz Barreto? No entanto, possuímos dois a três criticos de menos de cinquenta anos, que dia a dia começam a afirmar-se, mais concludentemente, no interesse do publico leitor.

—Panorama geral sobre as idéas que agitam a nova geração literaria.

—Ha três gerações literarias que se arrogam o epíteto de novas. A dos quarenta, a dos trinta e cinco e a dos menos de trinta. Em todas elas uma sublimo inquietude, um sopro de inedito, um renovo de espirito, põem-nos diante duma aspiração comum. Ha que renovar a inteligencia portuguesa, ha que reconstruir de *fond-en-comble*, o caminho, o itinerario duma cultura, dum sentimento e duma linguagem que sejam estruturalmente e harmonicamente portuguesas e revelem com um sentido de universalismo, como na nossa Renascença, a supremacia e a grandesa criadora do nosso espirito. Nessa cruzada de renovo espiritual está a salvação das novas gerações. Sem um fundo dorsal lusiada, sem uma cultura que vá até ás raízes da Renascença e se filie na tradição greco-latina, sem um neo-classicismo moral (como se está observando na França e na Italia) não podemos meter ombros a uma reconstrução espiritual. Sejam coerentes connosco proprios e as gerações novas poderão, sendo dignas delas proprias, ser dignas da grandesa e do espolio da grei.